

61 - O Reporter	Ouro Preto	Liberal	01
62 - Revista do Ensino	Ouro Preto		02
63 - Revista Escolar	Ouro Preto		02
64 - Revista Mineira	Ouro Preto		01
65 - A Revolução	Campanha	Republicana	40
66 - Sete de Abril	Campanha		01
67 - Sete de Setembro	Diamantina	Conservadora	29
68 - O Sul de Minas	Campanha		01
69 - Theophilo Ottoni	Paraíso	Liberal	01
70 - Treze de Maio	Ouro Preto		01
71 - A União (Estado de Minas)	Ouro Preto	Conservadora	321
72 - A União Escolástica	Ouro Preto		01
73 - União Postal	Ouro Preto		18
74 - Valle-Sapucahy	Pouso Alegre		01
75 - O Vinte e Três de Julho	Ouro Preto	Conservadora	01
76 - Vinte de Agosto	Ouro Preto	Conservadora	30
77 - O Voltivo	Uberaba		01

NOTA: EM TODOS OS EXTRATOS QUE COMPÕEM ESTA COLEÇÃO, FOI MANTIDA A GRAFIA ORIGINAL.

EVENTUAIS DISTORÇÕES GRÁFICAS, NÃO ENTENDIDAS AQUI COMO ERROS, PODEM CARACTERIZAR ASPECTOS DA PRÓPRIA IMPRESSÃO DE ÉPOCA.



A PROVINCIA DE MINAS
 ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR
 PROPRIEDADE DO REDACTOR—JOSE PEDRO XAVIER DA VEIGA
 Rua do Mercado n. 1
 Número 26
 Ano VIII, Sexta-Feira 11 de Setembro de 1890

LIBERAL MINEIRO
 ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL
 PROPRIEDADE DE CARLOS GABRIEL ANDRADE
 Rua do Mercado n. 1
 Número 124
 Ano VIII, Sexta-Feira 11 de Setembro de 1890

LIBERABUNDO
 ORGÃO DEMOCRATICO E CRITICO
 ANTONIO DEUS, 4 DE JANEIRO DE 1890.
 Número 12

A UNIÃO
 ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR
 PROPRIETARIO— João Francisco de Paula Castro
 REDACTORES— DIVERSOS
 Rua do Mercado n. 1
 Número 124



OS PARTIDOS CONSTITUCIONALES.

Mais recente ainda do que a organização política de nossa nacionalidade é a história da formação dos partidos constitucionales entre nós.

A existência d'estes partidos, que desde a independência impropriadamente se tem revesado no poder, não remonta além dos primeiros dias do segundo reinado, cuja definitiva liquidação presentemente assistimos.

As luctas que se seguiram á comedia do Ipiranga visaram unicamente, o rompimento dos ultimos élos, que prendiam ao destino político da mãe-patria.

Era muito natural que o espirito dos brasileiros, fascinado já pelos clares da liberdade, entrevista em sonhos nas noites lobregas da tyrania, se volvesse aterrado para esse passado cheio de soffrimentos e oppressões, e alternativa de voltar a elle ou aceitar o governo do primeiro imperador, optasse pelo segundo alvitre, prestando-lhe todo o apoio na lucta contra as pretensões da metropole.

Foi por isso que durante o reinado do principe, que não conhecia barreira aos caprichos quixotescos de sua voutade insubmissa, nem dique á impetuosidade de paixões grosseiras, nenhum partido se formou no seio do povo, a não ser o dos que queriam a permanencia do Imperador como continuação da cõrte lisboeta na terra americana, e dos que o aborreciam como amigo da tyrania como usurpador que explorára a paixão da liberdade, que inflama os patriotas, fazendo do perjurio o alicerce de um throno.

Taes foram as violencias, tal a falta de tino e patriotismo que presidiram aos actos do primeiro imperador, que ao sete de setembro seguiu-se o sete de abril de 1831, data memoravel que marca o primeiro acto de civismo da nova nacionalidade que se formava.

A abdicação tanto podia seguir-se o regimen republicano como a continuação do imperio visto que o único intento da revolução tinha sido libertar a patria do tyrano, e ninguem cogitara da forma de governo, a que fosse confiada a direcção do paiz.

E foi por isso que no logar do throno derrocado collocaram o berço de uma creança, que aclamaram com o mesmo entusiasmo com que o terião feito a um presidente da republica, se nesta epocha alquem se tivesse lembrado da substituição, e a propozesse ao povo, conscio de sua força pela victoria alcançada.

Seguiu-se a Regencia popular, a melhor phase de governo que a nossa historia registra, a prova mais cabel contra aquelles que pensam que o governo hereditario é preferivel ao governo saído exclusivamente do seio do povo.

Formaram-se então três partidos com seus programas perfeitamente definidos: - o restaurador composto de portugueses que desejavam a volta do tyranno expulso pelo povo. O republicano que revivia antigas aspirações alimentadas desde os tempos da colonial e adormecidas nos dias da independência, para não lhe crearem embaraços, e o liberal que queria a continuação do governo monarchico, reformando-se a carta constitucional outorgada pelo imperador banido.

Desde seu começo fraccionou-se o partido liberal em moderado e exaltado, querendo este a monarchia federativa que aquelle não aceitava.

Encarniçaram-se as luctas desses dous grupos, até que o primei

ro, engrossado pelos restauradores, assenhoreou-se do poder. Mais tarde, fundiram-se exaltados e moderados, formando novamente o partido liberal, que arvorou o glorioso programma, maior padrão d'esse partido, para onde se voltam de quando em quando as aspirações dos liberaes sinceros, dos verdadeiros liberaes de idéias, que não se subordinam á vontade de chefes aulicos e collocam os impulsos de razão acima da estatura das pessoas. O programma traçado pelo partido liberal pedia a monarchia federativa, a abolição do poder moderador, o senado temporario e electivo, a supressão do conselho de Estado e uma serie de medidas, que realisadas naquela epocha teriam guiado os destinos deste paiz ao engrandecimento e prosperidade, a que foi fadado.

A camara dos deputados aceitou esse programma em 13 de outubro de 1831 com base para a convocação de uma constituinte.

Infelizmente o senado organizado desde aquelle tempo pela monarchia para lhe servir de esteio, o senado era o negro e solido rochedo onde improficuamente vinham bater as ondas das aspirações populares.

O senado rejeitou o projecto da camara, apellou para a fusão, onde os debates duraram 11 dias, e a 12 de outubro de 1832 era convocada a constituinte para deliberar sobre um programma muito mais restricto, do qual resultou o acto adicional votado em 1834.

Fructo espurio de uma conspiração anti-patriotica o Acto Adicional consagrava no entanto uma serie de medidas altamente liberaes, que se não fossem mais tarde deturpadas por uma interpretação erronea, teriam nos levado a melhores portos, na derrota que a nação tem tido.

Tal era a intuição liberal que dominava os espiritos naquela gloriosa epocha de virilidades e de coragens civicas.

A execução fiel do Acto Adicional abria horisontes tão vastos ás provincias para gozo de suas franquias, que os amigos do throno, mais amigos do rei que os guindava á posições ephemerias, do que da patria em cujo regaço haviam nascido, os amigos do throno julgaram ameaçada a integridade do imperio; e a sociedade brasileira começou desde 1837 a dividir-se em dous grupos - os que pediam a interpretação do Acto Adicional com restricções das franquias provinciaes e os que desejavam intacto esse appendice á nossa carta constitucional:

D'este choque surgiu o partido conservador, que desde então até nossos dias não apresentou outro programma senão - o da interpretação do Acto Adicional, com restricções para as prerogativas das assembleas provinciaes, rigorosa observancia dos preceitos da constituição; resistêcia a todas as inovações politicas que não fossem maduramente estudadas; exequibilidade dos actos do poder moderador sem a referenda dos ministros, estabelecendo o preceito de que o imperador impera, governa e administra, e os corollarios que d'ahi deduzem.

Era facil de prever que com esse programma o partido conservador se approximaria do throno, que teria o maior empenho em conserva-lo no poder, como effectivamente o tem feito, para sua garantia mais segura.

Estão rapidamente delineados os traços historicos da origem dos nossos partidos constitucionaes.

Desde seu começo esperando unicamente a posse do poder, sua vida tem se desenvolvido em nossa historia como uma luta ingloriamente travada nesse exclusivo empenho, para o qual tem se sacrificado os programmas, estragado os homens e apodrecido os mais rijos caracteres.

Fugando pelo partido republicano, cujas fontes vamos encontrar nas aspirações purissimas dos martyres coloniaes e cuja vida está assijualada em nossa historia por uma serie de marcos de sangue e de oppressões, acompanhamos os partidos constitucionaes até nossos dias, para melhor fazermos seu confronto com o partido a que pertencemos, que luta ha mais de um seculo, sem esperanças de recompensas individuaes, aspirando unicamente o bem da patria e resistindo sempre á atmosphera corruptora, que lhe serve de meio, até chegar aos dias contemporaneos, cheio de vida, são, forte e luctador, anteveendo proximo o seu triumpho.

O Movimento - Ouro Preto, 16/4/1889 p.01.



Parece-nos inutil acrescentar que o programma da Provincia de Minas continua qual era, sendo os mesmos o seu objectivo e os meios conducentes para attingil-o.

Todavia, apraz-nos recordar palavras que nestas columnas escrevemos em janeiro de 1879 e de 1880, já porque relembraão compromissos sagrados, já porque, confirmando-as, damos testemunho irrecusavel da coherencia de nosso proposito. Eis o que diziamos então:

"Dedicando-nos á causa do partido conservador, que reputamos a da patria; defendendo os direitos de nossos concidadãos, quando offendidos ou sacrificados; intervindo com o nosso concurso, fraquissimo embora, nesta luta desigual que o paiz assiste, sorprezo, entre o poder compressor e a opinião, que é ferida mas não succumbe; - não nos esqueceremos dos interesses pecculiares da nossa bella e querida provincia.

Promovendo-os, indicando-os, pleiteando por elles, na esphera limitadissima de todos recursos, procuraremos sómente e bem publico, desejosos de ver em breve Minas Geraes, opulenta e feliz, só recordar-se dos dias nefastos que atravessamos para haurir nessa reminiscencia novos estímulos para os commettimentos do porvir.

O povo, descrente e abatido, mas sensato, coteja contristados promessas brilhantes de homem com a realidade desoladora de hoje, e busca conforto nas reminiscencias de outr'ora.

Repetindo a enormidade de seu infortunio, tentaremos todavia impellil-o á luta das idéas para a conquista do bem.

No ocio está o aniquilamento, na indifferença pela causa publica a abdicação da liberdade.

Esta grande provincia já teve dias de prosperidade e de gloria. Sua recordação deve estimular os tibios e guiar os resolutos.

Cumpra que nos esforcemos todos por melhorar a situação infeliz deste povo, generoso e bom, presentemente victims de uma politica cujos desvarios são já denunciados eloquentemente por aquelles mesmos que, entusiastas, saudarão-lhe a ascensão.

Para esse fim grandioso, concorreremos jubilosos com o obulo sim-

da que exiguo, de nossa dedicação. Seremos energicos no sty
gma ao abuso, a violencia e ao escandalo, mas jamais falta-
remos com a justiça aos nossos adversários, desvirtuando -
lhes as intenções, pela calumnia, magoando-lhes os brios ,
com a injuria, ou desalentando-os com a indiferença e o mo-
tejo quando seus actos forem dignos de louvor.

Discutindo os negocios publicos, apreciando, sem prevenção
nem nem rancores, mas de animo sereno, com moderação e
justiça, os actos da administração, respeitaremos as pesso-
as e sua intenções.

Acatamos devidamente a vida privada e a santidade do lar ,
e, assim, só teremos vehemencia na phrase, energia nos pro-
testos, quando o crime se altear impune ou o abuso impo-
-se triumphante.

Deixar que a causa publica, como a pyroga do indio perdi-
dos os remos-vogue á mercê das aguas, sem direcção e sem
bussola, fóra arriscar a Patria as attracções terriveis do
abysmo. A politica tambem tem os seus Malestroons.

As grandes como as pequenas provincias do Imperio tem orga-
nisado a imprensa da opposição, nobre em seus intentos, in-
fatigavel em seus esforços, fecunda em seus resultados; e
honta o civismo do nossos concidadãos o espectáculo de tan-
ta dedicação em prol dos grandes principios e da causa na-
cional.

Diante da aberração que converte o governo, de guia e con-
selheiro da sociedade, que deve ser, em batedor selvagem
do desnotismo, é necessario despertar o espirito da Nação,
assignalar-lhe o abysmo e combater de frente, sem tregoa e
sem dó, o monstro que ameaça as instituições e a Patria.

Essa é a missão da imprensa.

Esse é o dever que nos impoemos, fracos batalhadores em -
bora.

Invocamos, para o desejado exito deste empenho de honra ,
á que prende-se todo o futuro nacional, o concurso effizaz
de nossos amigos e concidadãos.

Assegurando-lhes nossa dedicação, confiamos em seo patrio-
tismo. E para todos os reclamos justos, em bem do povo, do
direito e da lei, continuão francas as paginas da Provin-
cia de Minas, órgão do partido conservador mineiro e órgão
também de todos quantos com razão se julgarem feridos em
seus legitimos interesses ou ameaçados em seus direitos."

Ainda uma vez, affirmamos com prazer os intuitos que essas
palavras traduzem e que sempre nos animarão nas lides do
jornalismo.

Neste posto de trabalho e do combate, Deos ha de permitir
que não sejamos preza nem da paixão que hallucina, nem dos
desfallecimentos de desesperança.

Inspirão-nos o amor da patria e o culto dos principios.

Elles serão nossos fanaes nos êrmos da jornada e por entre
a cerração dos tempos.

A Provincia de Minas - Ouro Preto, 10/7/1880, p.01.



Resposta ao Noticiador de Minas

Em um dos seus raros artigos de fundo, o Noticiador do Sñr.
Manoel de Soiza, referindo-se á imprensa liberal de Minas oc-
cupa-se com o Jequitinhonha. Agradecemos a fineza que não foi
pequena.

(...)

Em geral o collega não gosta da linguagem da imprensa opposi-
cionista: é natural. Em Minas não ha jornalismo sério, diz
elle, á exepção do Noticador e Sapucahy, unicos periódicos
conservadores e portanto graves, e sisudos, dos todos os ou-
tros não valem dous caraços; uns porque discutem e são meta-
physicos outros porque declamão e são injutos.

O que fazer? Imitar a imprensa conservadora para que nos habilitemos
para o governo.

Mas o que faz a imprensa imperialista? Canta hosannas ao impe-
rador do Brasil, e ao outro inpartibus infidelium, o invic-
to Caxias; calumnia os liberaes e exalta as virtudes dos pre-
claros heroes de 16 de julho e das preparações do Dr. Ayer.

É porque, em vez de chingar tambem os conservadores, discuti-
mos principios, o pilherico collega nos chama insecto! Não
comprehendamos por nossa vez.

Os zoologistas chamão - insectos - uma classe de animaes que
soffrem metamorphoses, passando pelo estado de larvas antes
de chegarem no seu completo desenvolvimento. Ora ao Jequitin-
honha caberá tal epitheto?

Também não o recambiamos; porque se o Noticiador soffreo al-
guma mutação, foi ella das que chamão os sabios metamorpho-
se retrograda.

Na verdade, passar de Liberal de Minas a Noticiador é trans-
mutar-se de insecto de bellos elytros em larva roedora. Não
quizeramos lembrar essas couzas, visto como afinal de contas
o Sñr. Paula Castro é pae de familia e o ventre tem exigênci-
as tão imperiosas...

Diz o collega que não nos comprehende. Boa duvida! Não escreve-
mos para S.Ex. O nosso estylo é do povo, a quem exclusiva-
mente nos dirigimos; sabemos que Cesar e os seus prepostos
fallão outra linguagem. Se o collega não nos acha sabor é
que tem o paladar estragado nos festins de Sardanapolo. Venha
conviver com o homem do povo, soffrer com elle e trabalhar co-
mo os Ilotas para sustentar os filhos privilegiados de Spar-
ta, e verá como lhe hade saber a linguagem do Jequitinhonha.
Diz mais o amavel collega que a nossa politica é metaphysi-
ca e ofende o senso commum.

Quanto á metaphysica é sabido que não pode comprehendel-a um
intestino repleto. Deixe o Noticiador o materialismo espesso
em que vive, o epicurismo grosseiro em que se atola e compre-
henderá a doutrina da democracia. Estude e não o desanime.
Qualquer intelligencia mediocre pode attingir á nossa altura,
basta saccudir o torpor apopletico.

Quanto á offensa ao senso commum... bolas!

Essa pretensão á infalibilidade instituiu a Inquisição e per-
deu a Luiz XVI a Carlos X. e ao nosso Pedro I. e acaba de
fulminar a Izabel Marfori.

D'essa falta de senso soffrerão Washington, Bolivar, Linco'n
e mil outros: e ainda soffrem V. Hugo Lagoulaye e os America-

nos do Norte e Sul, menos o sapientissimo Brasil do Sr D. Pedro II, em que se arrimão os Itaborahys em reliqua. Infelizmente para o collega essa metaphysica é a doutrina liberal, e S.Ex. ha de ter o trabalho de estudal-a, para combatel-a se quer discutir.

Não se afadigue; estude com vagar; nós esperamos certos da victoria no futuro. Se o instigamos alguma vez, é para não deixal-o entregue a- somnolencia, que sóem produzir os gozos materiaes do presente.

Termina o Noticiador o trecho, que nos concerne, dizendo que só podem comprehender-nos os garimpeiros que sonhão com a republica de Platão na caza dos ricos. E com isto fulmina as ideias americanas, como aquelle abbade que, em um dia de calor, aparou a penna, preparou papel e disse: irribus - Vou es cachar este sol maldicto!...

Sempre os mesmos, sempre encorregiveis! sempre essa injustiça para com aquelles que vivem do trabalho diario, sempre esse desprezo pelo povo!

Pois bem, nós outros os sonhadores pugnamos pelos direitos d'esses garimpeiros, d'esses destituídos de privilegios. D'elles compõe o povo, unico soberano, que veneramos. Procuraremos reivindicar-lhes os direitos, que o vosso amo usurpou-lhes, e no dia do nosso triumpho nós vos condenaremos sem apello ao ... supplicio da igualdade.

O Jequitinhonha - Diamantina, 4/4/1869 p. 3 e 4.



Haurindo o primeiro sopro de vida, inscreve-se o Vinte de Agosto na cruzada conquistadora da civilização e do progresso, tomando modesto logar na phalange dos seus numerosos colegas da imprensa mineira, aos quase sauda sincera e fraternalmente sem reservas nem restricções.

Apparecendo á luz da publicidade, o Vinte de Agosto tem por fim a publicação dos actos officiaes e a propaganda de seus principios da justiça e da moralidade administrativa, que toda a boa vontade dos governos liberaes não pode fazer respeitar assoberbados como se acharão sempre pela intolerancia das paixões, e opprimidos por violentas mesquinhas rivalidades, que acabarão por tornar impossiveis na suprema governação os mais prestigiosos chefes do partido liberal.

Tomar como programma a propugnação dos principios da justiça da moralidade administrativa é levantar muito alto o lábaro do partido conservador para que todos possam ver bem a lambente reverberação do seu lemma singello e indestructivel.

O partido conservador, que tem por missão principal defender os principios da ordem contra as demasias da liberdade e os excessos da demagogia, garantindo as imunidades civicas em toda a sua integridade pela reivindicación do prestigio da autoridade, acompanha sem resistencia a marcha da civilização e do progresso, moderando as impetuosas allucinações dos que não sabem apreciar, na sua justa medida, as exigencias da sociedade, nem computar, com exactidão, as forças de que ella dispõe.

Opportunista por indole e natureza, o partido conservador satisfaz no poder as aspirações do paiz, em quanto o partido liberal, que em opposição faz pomposos programmas indo além das aspirações nacionaes, não tem no poder outra preocupação que não seja esquecer as theorias elicientes, trahir os incautos que não se apercebião do engano, e repudiar os seus manifestos.

O programma do partido conservador é modesto, mas real na effecia dos seus meios e fecundo na sua discreta moderação; quer que se acompanhe o paiz nas suas aspirações e que seja guiado com prudencia na conquista da civilização e nas difficeis iniciações do progresso, subordinando sempre os actos governando ás intransigencias da moral e da justiça.

Parece deficiente e não pode ser mais completo. Emanação da alma nacional, como que lhe lê na consciencia, e dando corpo a soberana razão da grande collectividade, guia-a patriótica e sabiamente na pratica e no exercicio da sua incoercivel soberania.

É por isso que todo o paiz, cansado de assistir á representação phantasmagorica de uma serie de incriveis e de malignos atilegios politicos, recebeu com unisonantes aclamações a noticia do advento do partido conservador, ficando memoravel o dia 20 de Agosto de 1885, porque elle marcará nos fastos da historia do Brasil a inauguração de uma era de prosperidade de que o paiz inteiro estava já habituado a descrever.

Grande e temeroso é evidentemente o encargo de oppor barreiras á vertiginosa precipitação com que o paiz, impellido pelo dominio liberal, resvala para o abysmo da desorganização do trabalho e da ruina publica e particular. Para conseguir tal fim exige-se um trabalho de Titans e uma mentalidade sobrehumana; mas a alma nacional confia no patriotismo e na sabedoria do partido conservador, que ha de certamente realizar essa obra gigantesca sem abalos nem commoções sociaes.

Vibrantes e entusiasticas forã as aclamações com que a população ouro-pretada festejou a ascensão do partido conservador, e este jornal, que hoje apparece pela primeira vez á luz da publicidade, denomina-se Vinte de Agosto, afim de commemorar a data de tão brilhante e opulenta manifestação, prolongando os echos triumphaes e gloriosos daquella auspiciosa e deslumbradora alvorada.

Vinte de Agosto, Ouro Preto, 14/9/1885. p. 01 (?)



O estado actual da educação popular, entre nós, exige outro regimen governativo?

Consideremos hoje, ainda que succintamente, este quesito, o terceiro dos que nos propozemos examinar em frente da propagação da republicana, que visa arrasar tudo, de fond em comble, sem cogitar que, como a critica, destruir é fácil, e que, como a arte, a construcção é que exige experiencia e sabedoria. Imperão os vicios, a ignorancia é geral, desolador é o atraso do paiz, a corrupção domina por toda a parte! Em synthese,

eis o que proclamação na tribuna e na imprensa os arautos da revolução, que para todos os males offerecem convictos a panacéa da republica, esquecidos da phrase do Boiste quando escreveu: " Le regime republicain tue les nations corrompues'."

Não aceitamos como exacta expressão da realidade o colorido e exageradamente sombrio com que os inimigos da monarchia, fazem do carga a ella, sem pintar o estado geral do Brasil. Entre tanto, amando antes de tudo a verdade, não desconhecemos que infelizmente, e apesar dos constantes, sinceros e incontestáveis esforços do Imperador - a quem se deve o melhor de nossa civilização - deixa ainda muito a desejar a situação material e moral das cousas em nosso paiz. Para isto, forçoso é confessar-o, contribuem causas multiplas e que só gradativamente irão desaparecendo.

Nem fora racional pretender-se que attingissimos já muito mais alto grau na escala do progresso social, apenas com sessenta annos de vida independente, tendo nós recebido, com a autonomia, encargos quasi incompatíveis com a inexperiência da liberdade, e preocupados desde logo, e por longo tempo, em salvar a ordem publica atacada selvaticamente em varias provincias pela revolta demagogica. Em periodo proporcional - qual a nação do velho ou novo mundo que fez mais ou melhor?

Mas, por isso mesmo que não desconhecemos em absoluto o atrazo e vicios da civilização brasileira - é que reputamos um contra-senso e um desastrá passarmos ao dominio de outro regimen governativo, consoante ás doutrinas da propaganda republicana.

Liberdade, responsabilidade. São expressões correlatas. Pois bem: - será licito elevar-se ao extremo a responsabilidade de um povo oito decimos do qual, dizem as estatisticas e ninguem contesta, se compoem de analfabetos?...

Mais ainda, talvez, do que os propagandistas da republica, nós respeitamos devidamente esta forma de governo, considerada a mais scientifica, e portanto a mais perfeita. Si ella não está sujeita á exclusivismos de latitudes, para se manifestar brilhantemente (e os exemplos dos Estados-Unidos e Suissa provão que não o está), todavia, não ha negal-o, depende immediatamente, para ser legitima e benefica, da acção combinada da oportunidade e do meio. Eis o sulco principal que separa os monarchistas do Brazil, entre os quaes militamos como obscurissimos soldados, e os propagandistas da republica federal. A pretendida e radical mudança não é opportuna e nem o nosso meio actual a comporta.

Mesmo entre os sectarios da mais adiantada democracia, sempre que se tem cogitado de assumptos praticos, económicos, administrativos, etc., os votos têm sido geralmente para as soluções autoritarias, no interesse da educação do povo, preparando-o para o uso da liberdade.

Não ha muito ainda, foi geral no paiz, côrte e provincias, a propaganda em bem da instrucção publica pela obrigatoriedade do ensino nas escolas primarias, principio consagrado na legislação mineira e de outras provincias. Claro é que ha ahí mais uma manifestação da tutela exercida pelo poder publico sobre a massa geral dos cidadãos. Entretanto, a ideia foi quasi unanimamente acolhida por notabilidades de todos os matizes politicos, porque está na consciéncia do paiz que a primeira necessidade deste, o inadiavel melhoramento de que advirão todos os mais, como corolarios necessarios e fataes - é a realidade da educação do povo, elevando-se-lhe o nivel intellectual e regenerando-se-lhe os costumes, sem os quaes não

prestão as melhores leis e apparatusas inutilidades se tornão as melhores instituições.

Uma verdadeira democracia deve repousar sobre o sufragio unanime dos cidadãos, mas cidadãos scientes e consciéncias do alcance e responsabilidade do voto. Tenhão os propaqandistas da republica um movimento de sinceridade e respondão - nos: - estará apta para o legitimo exercicio d'aquelle direito a grande maioria dos brasileiros?...

Certo que a republica não poderá, como o Espirito-Santo, fazer o milagre de illuminar subitamente espiritos obscurecidos pela ignorancia. Ella teria, como Imperio, de recorrer ao processo commum das escolas, processo moroso, sujeito ás difficuldades multiplas do professor idoneo, de fiscal integro, do livro apropriado e ao alcance de todos, e ainda assim quantos embaraços quasi invenciveis n'um paiz pobre, vastissimo, de população escassa e disseminada pelos sertões em pequenos nucleos!...

O economista Michel Chevalier escreveu: "Les populations cherchent avec anxiété la liberté depuis des siècles. C'est le regime industriel qui la leur donnera."

Até certo ponto este conceito é rigorosamente exacto e melhor explica a allusão que fizemos á pobreza do paiz. Os factos de todos os dias dizem muito e dizem alto.

O que se vê a todo momento, contristando os patriotas, é a politicagem sem escrupulo, servida pela burocracia sem independéncia, avassalar tudo e tudo corromper, desde os suffragios dos humildes nos comicios até o voto dos especuladores graudos nos parlamentos, engordando commandistas, que periodicamente se revezão nas audazes explorações.

Porque assim? Porque o paiz é pobre e para a massa geral dos brasileiros, que não partilhão da fortuna excepcional dos ricos e poderosos, quasi que só ha uma industria: - a industria desgraçada do emprego publico! D'ahi a passividade em face dos actos e a apathia diante das ideias. A dependéncia cogteja o poder, quaesquer que sejam as insignias e a origem deste; a fome não discute: só lhe resta capitular e emmudecer. Si industria desenvolvida tivéssemos, outra seria a situação: a independéncia dos cidadãos nullificaria a burocracia e os governos não serião, como são, quasi omnipotentes.

Fosse possivel, sem cavar fundo abysmo de desgraças nacionaes, ensaiar-se a republica nas circunstancias actuaes do Brazil, e em poucos mezes a desillusão dos republicanos sinceros seria completa e decisiva. Teriamos um drama de agitação e de sangue em três actos, que se succedeião com vertiginosa celeridade: a anarchia, como todo o seu cortejo de horrores; o predomínio militar, dietando a lei brutalmente a golpes de sabre; e, por fim, a enthormisação de um aventureiro, bastante audaz e bastante sagaz para, de parceria com qualquer banqueiro opulento e ousado, como Fould no 2 de Dezembro francez, apoiado nas bauonetas vendidas pelos generaes, escrevisar o povo e proscrever os incorruptiveis.

Não é esta a historia da França de 1852?

Não foi esta a tradição quasi ininterrupta na Republica Argentina, até a presidencia do general Mitre em 1864?

Não é isto o que resão os annaes ensanguentados do Estado Oriental e das republicas do Pacifico?

Não foi isto, em summa, o que se viu em França, como resultado da grande e incomparavel Revolução, cujo primeiro periodo aliás - o da assemblea constituinte - fulgará - eterna - mente na história, entre trophéos e benções da humanidade?!

E no entanto a França de 89, mesmo sob a opressão do antigo e detestavel regimen, tinha industria e instrução e que ainda não attingio no Brazil a generalidade do povo. Não ha negal-o: - por infelicidade, ou felicidade nossa, como quizerem o estado presente da educação popular no paiz não exige, nem comporta, outro regimen governativo. Ao contrario - temos até leis e instituições superiores ao nivel medio de nossa civilização. Esta é que é a verdade, patente e irrecusavel. Prosequiremos.

A Província de Minas. Ouro Preto, 19/7/1888. p.01

SENADO

Precisa-se saber si o senado no Brasil é uma necessidade. Para methodo da presente these, questionaremos as diversas attribuições do senado, legislando já de commun com a camara dos deputados, já exclusivamente; e tendo demonstrado a inefficacia da segunda camara no primeiro caso, e a pessimidade della no segundo, parece-nos concludente e logica a negativa da these - é o senado no Brasil uma necessidade politica? Dividindo o nosso trabalho em duas partes, vamo-nos occupar da primeira: - O senado legislando do commun com a camara dos deputados. Neste caso, dizemos, é inefficaz: para demonstração do que suscitaremos a questão controvertida da fusão das camaras, é facultativa ou obrigatoria? Para resposta desta questão, lembramos o principio de hermeneutica, indispensavel de applicar-se na interpretação das disposições constitucionaes, e é que a comprehensão de cada um dos artigos deve harmonisar-se com o dogma que modellou a confecção de todos no Brasil com a soberania do povo, assegurada pela victoria sobre nossos dominadores de outras eras, e reconhecida soberanamente no pacto fundamental. Si isto é uma verdade incontestavel, claro se deduz ser - a annuencia facultativa do senado na fusão requerida pela camara temporaria um absurdo: pois annulla o dogma da soberania nacional, norma que deve ser de todas as disposições constitucionaes. Annulla, porque, arvorada a camara vitalicia em barreira contra as innovações progressistas da primeira camara, firmado no senado o predominio de uma facção, organizada uma opposição systematica, morre a camara dos deputados, fiadora principal da liberdade brasileira. Consequentemente, a fusão é obrigatoria; só deve realizar-se nos casos em que o senado opponha contrariedade ás decisões da camara dos deputados, hypothese esta em que sendo a maioria

dos deputados sobre os senadores de 61 e valendo igualmente nas deliberações de ambos os corpos legislativos os votos de uns e outros, é incontestavel o predominio da primeira camara e a inefficacia da segunda; o que demonstra a verdade do que escreve - mos em principio: - o senado é inefficaz. Pensarão aquelles que se derem ao trabalho de ler estes mal alinhavados periodos: si dada a fusão facultativa nullificasse a acção do senado. Em ambos os casos dirão: - inutilisa-se alguma das instituições constantes do art. 14 da constituição politica do imperio - camara dos deputados ou dos senadores. Não contestamos a exactidão deste pensar, e até nos convencemos que, com o disposto no art. 61, a existencia junta de ambas as camaras vitalicia e temporaria - é um anachronismo incomprehensivel. Deve presidir na escolha de uma dellas - o principio seguido em politica: de dois males o menor; do qual resulta a preferencia da primeira sobre a segunda camara; pois ella é a representante exacta das idéas da nação, visto ser periodica - mente renovada; ao passo que o senado vitalicio póde representar idéas passadas, sem explicar todavia as presentes. Demonstrada assim a primeira parte do programma, entraremos na segunda. Trataremos das attribuições exclusivas do senado. Quaes são ellas? (Constituição do imperio, cap. 3º, art. 47, §§ 1º, 2º, 3º e 4º). O art. 41 da constituição diz: " É da attribuição exclusiva do senado: " 1º Conhecer dos delictos individuaes commettidos pelo membros da familia imperial, ministros de estado, conselheiros de estado e senadores, e dos delictos dos deputados durante o periodo da legislatura. " 2º Conhecer da responsabilidade dos secretarios e conselheiros de estado. " 3º Expedir cartas de convocação da assemblea, caso o imperador o não tenha feito dois mezes depois do tempo que a constituição determina. " 4º Ordenar a eleição da regencia quando o provisional não o faça. Nenhuma dessas attribuições entendemos que justifica a existencia do senado no Brasil: 1º porque não comprehendemos a necessidade palpitante de arvorar-se o senado em poder judiciario - quando temos entre nós o supremo tribunal de justiça em cujas decisões, como mais tarde mostraremos, se deve encherger mais probabilidade de acerto do que na camara vitalicia 2º, porque, para expedir cartas de convocação da assemblea ou ordenar a eleição da regencia, nós poderíamos ter uma comissão de deputados ad hoc, nomeada ao expirar de uma legislatura, afim de convocar nova - não o fazendo o provisional, ou ordenar a eleição da regencia, não o fazendo o provisional. Para não falhar á uma proposição sua competente prova, alongaremos mais a extensão deste artigo afim de tratarmos aqui das razões porque somos levados a acreditar que, existindo o supremo tribunal de justiça, ultima instancia do poder judiciario, julgamos um absurdo conferir-se ao senado attribuições da ordem dos §§ 1º e 2º do art. 47 da constituição. Diremos em primeiro logar que o poder judiciario é independente, conforme a bella these do art. 151; allegaremos em segundo - que no supremo tribunal de justiça só tem assento o velho encanecido nas lides da magistratura; que, graduado em

direito, tem um anno de pratica na advocacia ou promotoria , quatro pelo menos no juizo municipal, e no de direito - o tempo que a falta de antiguidade exigida para o desembargador inhabilita o magistrado de tomar assento na Relação; sendo chamado por ultimo para o supremo tribunal, á medida que, mortes ou aposentados os ministros d'alli, vagam logares, para preenchimento dos quaes exige-se como capacidade a antiguidade; ao passo que no senado são admittidos medicos, militares, lavradores, negociantes e clérigos, cujas deliberações nunca se podem equiparar com as do profissional em direito, envelhecido no estudo da jurisprudencia.

Pretendem os admiradores da instituição, que impugnamos, sustentá-la, desenhando o senado como equilibrio entre as lutas possíveis da democracia e da realza.

Existirá nelle o remedio para atalhar o mal?

Acreditamos que não, e as razões plausiveis com que sustentamos a nossa convicção respeito, vão expendidas no seguinte: - os membros da camara vitalicia são e não podem deixar de ser partidarios, que são.

Serve de prova o mappa dos senadores, a cujos nomes se póde juntar a parcialidade politica a que pertencem; que não podem deixar de ser - convence-nos a illustração dos senadores, que é incrível suppor-se não terem idéas politicas.

Desde, pois, que no senado existam partidarios, e a respeitar as convicções que dizem possuir, acreditemos na sinceridade dos mesmos; é impossível natural a existência da imparcialidade, cuja quebra é consequencia da força da crença que faz por isso mesmo cessar o senado de ser o equilibrio entre as lutas possíveis da democracia e da realza.

Tambem não seguimos a opinião desses que querem derivar a independencia do senado de sua vitaliciedade, que põem o senador na expressão do conselheiro Pimenta Bueno, independente do povo e da corôa; porquanto, si, como diz o mesmo conselheiro, o senador é o velho cheio de illustrações, rico de tradições, á quem só restam paixão de honras, patria e virtudes tranquillias, é de crer que não será a independencia material o garante de sua imparcialidade.

Para fechar este ultimo escripto, produziremos por ultimo o mais forte argumento aduzido pelos propugnadores do senado, seguido da refutação que no nosso entender resolve perfeitamente a objecção apresentada.

Dizem que a acção e reacção dos corpos do mundo physico traz como consequencia a destruição de ambos; principio que applicado ao mundo moral suppõe-se produzir effeitos iguaes.

De modo que, pensamos adversarios de nossa opinião, da acção e reacção de dois elementos - real e democratico, deve infalivelmente resultar o suplantamento de um, que é preliminar da queda de ambos, evitada pelo apparecimento do senado, que no dizer de Sismondi, é o ancoradouro seguro onde se abriga a não do Estado nos dias formentosos da democracia.

Diremos em resposta: - que nunca mathematico ou astronomico algum editou o principio da destruição dos corpos, como resultado da acção e reacção existente entre elles; que o principio politico e exacto, visto como é um facto - que da luta das idéas nasce a liberdade; que é contestada a autoridade de Sismondi na materia em questão, porque escreveu em épocas da revolução franceza, quando gassava a idéa de Lamartine:

" Dai-nos uma segunda camara e a republica será salva."

Colombo - Campanha, 13/4/1873 p.01.



Brasil ano 2.000

Parecem possessos da hydrophobia!

" Para a briga não escolhemos armas: todos os meios são licitos. Subvertem-se todos as noções do justo e honesto; a verdade é mentira, a mentira verdade. Infamia, baixeza, immoralidade são palavras desconhecidas no que chamão politica. A fraude, o dolo, a corrupção, a calumnia, as violencias, as extorções, tudo o que ha de immoral são meios licitos! A morte, o assassinato, o roubo, os crimes mais infamantes são justificados!

" Oh! divina sabedoria que laurêa, a frente de V. M.! Quem estudar o Brasil, Senhor, custará explicar esse phenomeno singular de uma immensa população, pertencente á mesma raça, falando á mesma lingua, professando a mesma religião, habitando o mesmo sólo, a mesma cidade, a mesma casa, e entretanto dividida em duas fracções separadas por odios irreconciliáveis! Amigos guerreando amigos, filhos inimigos dos paes, irmãos inimigos dos irmãos, a scisão até ente os esposos! Se diz: - o meu contrario politico, como se disesse: meu mais fiadal inimigo!... E esses inimigos nunca se concilião: o são na vida e até depois da morte.

" Oh! sagrada sabedoria!

" Dividir para reinar, visconde: tal a maxima fundamental do meu programma.

" - E.V.M. a tem levado até suas ultimas consequencias.

" - Sem isso não me era possível conserva a monarchia no Brasil. Notai, Visconde, que todos os meus esforços, toda a minha politica tende á um só e unico fim, - firmar o governo monarchico no Brasil.

" Em quanto entretiver os brasileiros divididos, posso julgar-me seguro no throno; no dia, porem, em que se congregarem, ai da minha corda, ai da monarchia! Verão claro as minha mazellas, romperão o veu da irresponsabilidade que occultão as miserias do meu governo; aquelles que cobertos com os meu favores arrojão-se aos meus pés o tem em grande honra beijar-me a divina mão, serão os primeiros a arrastar-me ás gemonias. O mundo esta cheio de ingratos, Visconde: a historia é um registro de ingratições.

" - Algumas excepções, " Senhor, por exemplo.

" - Vós, por exemplo, por estardes presente disse o imperador com ironia. Não creio nos homens; com elles estarei sempre sobreaviso.

Despreso-os, como despreso o animal immundo que roja pelo chão, e que calco aos pés. Miseráveis, que se animarão um dia a levantar a frente e contestar as divinas prerogativas da realza! Sacrilegos que levarão a mão aos thronos erquidos por Deus! É nosso dever abater-lhe o orgulho, pisar-lhes a cabeça, amordal-os como a vis escravos para que reconheção que é seu dever servir-nos e obedecer nossas vontades e caprichos.

"Ahi está a dificuldade, visconde. Houve monarchas que entenderão poder subjugar os povos por meio da força, da violencia: errarão. Assim cahirão muito thronos. Eu levo as coisas com manha, com hypocrisia. Divido o meu povo atiro uma fracção sobre a outra, e deixe-as se delacerarem sem compaixão."
 " - E que luta, Senhor! Ainda não cessou durante todo o glorioso reinado de V.M."
 " - E não cessará, Visconde. Cada vez mais a encarnicarei."
 " - Sagrada sabedoria!"
 " - Como entretenho este estado de coisas é o meu segredo mas para vós não tenho segredos. (...)

O Jequitinhonha - Diamantina, 28/2/1869 p. 2 e 3.



APPREHENSÕES

Nós que pelos nossos principios, pelo nosso fim e pelas nossas aspirações mais olhamos o futuro que o dia que vai passando; nós para que a posição que occupamos resulta mesmo do fundo do descalabro que o passado operou enchendo a patria de ruínas, até o ponto em que estamos, onde o scepticismo substituto a fé civica, o patriotismo tornou-se palavra vã, e a desenfreada ganancia e a mola real do funcionamento cynico da actual ordem de causas, a nós se nos confrange a alma ante a perspectiva dos dias entristecedores que no futuro aguardam este Brazil.

É que os ministerios duram mezes na situações que duram poucos annos, coberta a responsabilidade de tudo pelo poder irresponsavel da monarchia fatidica.

É que a certeza desde prazo tão curta, e a irresponsabilidade que afinal é o apanagio de todos fazem que, os gabinetes só procurem viver bem enquanto vivem, e o futuro fica comprometido, e as difficuldades se vão amontoando assustadoramente, e, no fim, a patria terá de soffrer, e ninguem sabe a que extremos nos conduzirá a fatalidade se um paradeiro não fôr collocado ante a corrente que nos procura submergir.

É assim que a verba do ministério da agricultura já tinha sido arrebatada indo-se muito além dos seus limites na situação conservadora.

É actual situação liberal que encontrava exaustos os recursos dessa pasta, tem, numa orgia que espanta, gasto com loucura incrível, e o dinheiro que se distribue anda por dezenas de mil contos: para que? com que fim? para vencer eleições, a custo de tudo. Entretanto, mais um emprestimo de 50.000 contos acaba de ser levantado em Londres?

E outros, e ainda outros serão feitos, enquanto o credito brasileiro se possa comprometer, por que esses homens que não têm patriotismo o em que menos pensam é sem duvida nesse grave temeroso que será a banca rota do Brasil, quer dizer, o seu descredito externo e interno, a impossibilidade procla-

mada de não poder elle satisfazer os seus compromissos e portanto será a ruina dos particulares que têm titulos publicos e que hão de vel-os desvalorizados; e nestas condições a banca rota será a revolução fatalmente.

E a orgia financeira do governo da monarchia nos está preparando a revolução.

Os triumphos que a causa falsamente liberal poder alcançar no proximo pleito.

Deos sabe o que significa para os tempos que vierem.

Cumprimos o nosso dever denunciando isto a provincia, entregando apprehensivos a sensata consideração dos que têm alguma cousa a salvar a narração do caminho que o governo da monarchia trilha.

Como se não fôra bastante a ruina dos partidos, dos homens e das idéas o que agora está em perigo é a propriedade dos cidadãos; a si alguém julgar que exageramos, ahi estão os actos anteriores deste governo, ahi estão as suas ameaças no presente, ahi está esta esbanjamento de dinheiros publicos sem exemplo em nossa historia, elementos accumulados para a banca rota certa no futuro que ha de ser o remate natural dessa insensatez vertiginosa.

Nós os republicanos, denunciemos estes factos, apprehensivos e revoltados, já não são somente a dignidade e moralidade que estão reclamando o estabelecimento da republica; - é a salvagão da propriedade ameaçada que a reclama quanto antes.

Depois, talvez já seja muito tarde.

O Movimento, Ouro Preto, 13/8/1889 p.01.



Á obsequiosidade de um prestimoso e intelligente amigo e correligionario, devemos o excellento estudo que em seguida publicamos, sobre o - poder moderador - como o creou a nossa constituição.

Dando-lhe o logar de honra desta folha, entendemos prestar homenagem, antes á maestria com que está escripto, do que á doutrina, com a qual não podemos concordar em todos os pontos.

Do mesmo estudo se evidencia porém, que a monarchia é instituição infensa á liberdade e incompativel com esta; pois que a tão sábia, mesmo a mais sábia constituição do mundo, aquella que melhor procurou garantir contra as invasoes do poder os direitos dos cidadãos e do paiz, deu como resultado final e legitimo da mesma constituição o franco absolutismo sob o qual estortegamos.

Eis o artigo:

PODER MODERADOR

Pretendem muitos que o poder moderador, filho do direito divino, não tem no exercicio de suas funcções outra sancção sinão o fôro interno, para não dizer o capricho da prestigiosa individualidade á quem é delegado.

Assim se tem ousado affirmar na imprensa e no parlamento.

Questão tão importante que temos nella compromettido seriamente o systema de um governo.

Explicaremos o modo porque devemos encarar o poder moderador e o exercicio de suas funcções.

Sonharam alguns politicos, em seus devaneios especulativos, a criação de um quarto poder, que associarem á trindade orthodoxa do systema constitucional: - poder legislativo, poder legislativo, poder executivo, poder judiciario.

Esse poder neutro foi introduzido em a nossa constituição com o nome de - poder moderador.

Era uma variante de certa entidade que no seu projecto de constituição de 18 brumaire Sieyez inventára com o nome de grande eleitor - e que Napoleão annullou com o ridiculo de uma palavra: - " O vosso grande eleitor, disse Napoleão a Sieyes, é um grande cochon."

Morto esse embryão pelo epygramma do 1º consul, então Benjamín Constant com o seu talento esforçou-se por tirar o poder neutro dos dominios da ideologia.

Intercalado incapotadamente no art. 14 da carta de Luiz XVIII, succumbiu com a revolução de julho, de que foi pelo menos a causa occasional.

Admittido na constituição brasileira, talvez na intenção de quem o iniciou o poder moderador devesse ficar envolvido nos limbos da legitimidade, para ser opportunamente paraphraseado, como a parábola do art. 14 da carta franceza o foi com o commentario das ordenanças de julho.

Mas a intelligencia que presidiu a redacção do nosso pacto fundamental traduziu a parábola em linguagem constitucional, definiu o poder que creava, e cortou os herpes a monomania absoluta.

Estudemos na constituição o poder moderador.

Considerado sómente no art. 98, o poder moderador é tão nominal com o titulo de defensor perpetuo, que o art. 100 dá ao imperador.

Com effeito, o art. 98 não encerra attribuições ou preceitos definidos, porém sim meras apreciações do que o poder moderador fica sendo, com as attribuições e faculdades que lhe são conferidas em outra parte.

Eis a palavra do art. 98:

" O poder moderador é a chave de toda organização politica, e é delegado privativamente ao imperador, como chefe supremo a nação e seu primeiro representante; para que incessantemente vele sobre a manutenção da independencia, harmonia e equilibrio dos outros poderes politicos.

A legislação constitucional, mais ainda do que a ordenança, deve ser precisa em sua expressão e conter sómente regras e preceitos claramente definidos.

Apreciações abstractas com a do art. 98, são mal cabidas em uma lei qualquer, e com mais forte razão no pacto fundamental.

Mas é evidente que, separadas das regras e prescripções, segundo as quizes o poder moderador tem de manter a independencia, harmonia e equilibrio dos outros poderes, as palavras do art. 98 nada significam.

São, quando muito, o consideradum de uma lei ou os fins que teve em mira o legislador, os quizes, si não foram transportados para o texto da lei, não podem ser tomados em consideração pelo executor.

Si attendermos sómente ao art. 98, o imperador é a chave da organização politica, do mesmo modo que pelo art. 100 é o defensor perpetuo do Brasil.

Colombo, Campanha, 6/4/1873 p.01.



Harmonia de Poderes

O Art. 9 da Constituição do Imperio diz: "que a divisão e harmonia dos poderes politicos é o principio conservador dos direitos dos cidadãos o mais seguro meio de fazer efficaz as garantias que a constituição offerece."

E o Art. 151 consagra o principio, que " O poder judiciario é independente."

Tal foi o espirito que pautou a confecção de nosso pacto fundamental, organizado pela assembléa constituinte.

Dizia o Art. 39 do projecto "Os poderes politicos reconhecidos pela constituição do Imperio são tres: "o poder legislativo, o poder judiciario, o poder executivo."

O Sñr. duque de Bragança, porém, inimigo encoberto do povo, porque era Rei, vendo que os nossos primeiros legisladores não se rojavão aos pés do thróno queimando thurybulos de lição á suas divinas prerogativas, dispersou á mão armada a primeira assembléa do Brasil, degradando para França seus illustres membros.

Desfeito esse trambolho constitucional, outorgou-nos uma carta, que, por escarneo á opinião do paiz, quiz convencer o famoso decreto " era duplicamente mais liberal do que o projecto que a extincta assembléa acabava de redigir."

Ahi, proclamando-se inviolavel e sagrado, chefe supremo da nação e seu primeiro representante, creou um 4º poder do estado com um acervo de attribuições que annulla completamente a soberania da nação!

É o poder moderador, verdadeira excrescencia constitucional, e chave do despotismo.

Hoje que o partido liberal parece seriamente querer entrar em vias de reforma, e a proclama como necessidade de salvação publica, deve-se cuidar primeiro, de cortar essa gran grenha, que vai contaminando todo o corpo social.

Até á pouco, conservadores e liberaes, querendo cerrar os olhos á luz fascinante da verdade, embalavão-se na vã illusão de que a constituição politica do Imperio, uma vez restrictamente cumprida, era um seguro garante das liberdades sociais.

Dizião - que ella era o ancoradouro seguro, onde se ia abrigar a Nau do Estado nos dias tormentosos da democracia.

Dizião - que era o fiel da balança sustentada entre a anarchia das massas, e o despotismo da realesa.

Meditado, porém, e reflectidamente, o mechanismo do governo, estudado no fundo o espirito do pacto fundamental, logo se vê que a carta é uma doacção regia, concedida ao povo por magnanimidade do principe.

Se D. Pedro I, declarou que o Imperio do Brasil era livre e independente, concedeo aos brasileiros o nome de cidadãos, proclamou a harmonia dos poderes politicos, como delegações da

nação, demarcou attribuições para as camaras, poder executi - vo, poder judiciario; collocou esses mesmos poderes na depen - dencia do poder real!

Que equilibrio pode haver dos poderes politicos, se o Impera - dor concretisa em si attribuições, que matão a independen - cia de cada um d'elles?

Onde está a independência dos ramos do poder legislativo, se o imperante pode:

Art. 101 § 1º Nomear senadores, na forma do Art. 43?

§ 3. Sancionar os decretos e resoluções da assemblea geral , para que tenham força da lei?

§ 5º Prorogar ou adiar a assemblea geral e dissolver a camara dos deputados?

Onde está a independencia, do poder executivo, se o imperador pode (§6º) nomear e demittir livremente os ministros de esta - do?

Qu' é da independencia do poder judiciario se a constituição dá faculdade ao monarcha:

§ 7º Para suspender os magistrados?

§ 8º Para perdoar e moderar as penas impostas aos réos conde - manados por sentença?

§ 9º para conceder amnistia em caso urgente?

É uma vã illusão.

Não se falle em responsabilidade ministerial, mesmo [...] os actos do poder moderador porque isto é exemplo nunca visto nos annos de nossa historia politica.

Com a machina montada da centralisação, monopolizando o com - mercio, a associação, as industrias, com a degradação, ergui - da em norma de governo - é uma asserção para provocar o ri - so sómente.

Não nos embarassa que o Sñr D. Pedro II de Alcantara, João , Carlos, Leopoldo, Salvador, Bibiano, Xavier de Paula, Leoca - dio, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonsaga, seja imperador por graça de Deus e unanime aclamação dos povos.

O que fez mal ao paiz e cava o abysmo profundo da desgraça é a ingerencia de S. M. na marcha do governo...

Se o imperador não quizer passar vida de capadocio, (com li - cença do Sñr. Conego P. de Campos) póde mandar chamar todos os estrangeiros da rua do Ouvidor; mate o tempo com elles fallando todas as linguas vivas e mortas, em que e assombro - samente versado; vá discutir com os sabios do instituto os mais appetitosos meios de recheiar um papo de perú; dê ao pre - lo suas elegantes traducções Longlelow e (...) (conforme a narração do Mercurio de New Bedford) vá ao Alcazar, ao circo da guarda velha, ao Arco do Telles.... onde quizer; coma co - mo um frade de convento rico, beba um polaco, durma com Epi - menides.

Mas deixe o governo.

E a gratidão nacional vos levantará louros e tropheus!

Como exemplo vivo da harmonia dos poderes ahi esta a ques - tao recente entre o presidente da relação, baseado na letra e no espirito da Lei nº 111 de 6 de Abril de 1838, prefixan - do o praso de um anno para os advogados não formados ultima - rem o patrocínio de suas causas, e a ordem do Sñr. Andrade Figueira, vice-rei d'esta capinia, para não ser cumprida a circular do presidente da relação!

Essa questão faz recordar a fabula do Leão e do Burro. E o Sñr. Figueira já deu o couce.

O Jequitinhonha, Diamantina, 25/4/1869 p. 02.



Pela Patria

(...) Todos os bons cidadãos vão se convencendo de que é um cri - me injustificavel continuar a contribuir para a depravação do caracter publico e para essa fraude ganaciosa dos principios, que é o caracteristico da monarchia. Atterrados pela mise - ria a que chegou a população rural, victimada pelas mediocri - dades collocadas á testa da governança, os chefes de familia, que comprehendem a responsabilidade de sua posição, despren - dem-se em massa dos partidos retrogados e vem batalhar nos ar - raiaes republicanos para afastar da cabeça de seus filhos a imminente e sombria borrasca do desespero.

Aparelhão-se as resistencias ao terceiro reinado, que inici - ou-se por uma conspiração palaciana e pela deportação de um velho rei attingido por demencia. Tudo na alta politica es - tá corrompido e podre. Governos liberaes e conservadores abri - rão mercado das posições, das honras, dos empregos, e só cui - dão de arranjar as gerações dos senadores e de quanto potentã do ergue-se por ahi, especulando com sua influencia á custa da patria vilipendiada.

Em breve desapparecerá tanta vergonha. Freguesias, municipi - os, districtos, provincias levantão-se diariamente contra a instituição nefasta, antes que ella desfeche o golpe da morte sobre a nação moribunda. O brado de reacção acaba de repercu - tir no triangulo mineiro. Adiante publicamos o brilhante mani - festo dirigido ao 15º districto por quarenta e cinco eleito - res de S. José do Tijuco. O partido conservador desappare - ceu d'aquelle lugar.

(...)

A Gazeta Sul Mineira - São Gonçalo Sapucahy, 2/10/1887, p.01.



Reconhecem hoje os conservadores em opposição como verdade in - concussa, e o proclamam alto e bom som, o que os liberaes di - ziam quando tambem eram opposição, isto é: que a politica do 2º reinado é uma politica infame, que sempre houve fraude e - leitoral, que chegou o momento de lutar pela patria, que a unica salvação possivel para este paiz é a revolução armada , e finalmente que a politica do nosso rei consiste em tudo corromper e em contrariar a vontade da nação, esmagal-a, para

que sobre suas ruínas ergua-se unicamente o vulto de um throno odiado.

Por seu throno os liberaes hoje no poder enxergam as cousas pelo mesmo prisma por que as vião os conservadores quando eram governo.

Para elles o rei é agora muito boa pessoa e excellente amo, a eleição é a genuina manifestação da liberdade do voto, e a lei do terço é uma engenhosa e sabia combinação arithmetica que produz os mais bellos resultados electoraes.

Quando o rei estiver farto do servilismo e da bajulação dos aulicos de hoje, chamará os outros para continuarem esse eterno hymno de louvores inspirado pela corrupção, e então voltarão os liberaes á praça publica onde costumão apanhar lama para a atirarem á face do rei.

E neste motu continuo de esperanças e desillusões para o paiz, nesta revoltante comedia que se renova sem interrupção, o tempo amadurece os frutos dessa tão baixa e torpe politica imperial, e vai radicando nos costumes sociaes o servilismo e a degradação.

E é assim que a monarchia vive e continua a manter-se e é por isso que o rei sobreeleva-se a todos os poderes e conserva-se de pé dominando este grande paiz onde só pullulão os cogumelos que devião ser homens, onde se transformão em servos a aquellos que podião ser cidadãos.

Para comprovarmos a verdade que ahi deixamos escriptas, transcrevemos do Arauto de Minas, illustrado e bem escripto jornal conservado que se publica em S. João d'Elrei, o artigo que se vai ler e para o qual chamamos a attenção dos leitores.

Batem-nos porque estamos deitados; levantem-nos!

Mais uma vez assistio o paiz á esse espetaculo selvagem, com que a infame politica do 2º reinado se diverte e que constitue um dos artigos de seu tenebroso programma.

As noticias que nos chegam de toda parte denuncião um plano geral, que consiste simplesmente em vencer á todo transe. Commetter todo genero de violencias; perseguir, roubar; assassinar, tudo isso não passa de accessorios insignificantes, pequenas particularidades da grande scena, e que constitue um titulo valioso de benemerencia, que o governo tomará em benevola consideração.

Apezar de ser licito tudo esperar - dessa parcialidade politica que por vezes tem inundado o paiz de sangue e manifestado na governança do Estado que a liberdade não é mais que uma palavra hypocrita com que se commettem todos os crimes, nunca pensou o paiz que a audacia chegasse ao ponto de romper todas as conveniencias que devião impor a dignidade pessoal e o decoro publico!

Na cõrte do imperio os conselheiros de Estado e senadores não poderão entrar no templo para darem seu voto!

Imagine-se por esse facto o que ocorreu no resto do paiz! Sempre houve nesta terra fraudes electoraes, mas nunca se levou o escandalo até supprimir a eleição porque equivale á isso cercar as egrejas de tropa de facinoras, promptos ao primeiro sinal á fazer fogo no povo inerme.

Com esta prova acaba o paiz de perder a sua ultima esperança; havia ainda quem se embalasse na illusão de que uma reforma do processo eleitoral pudesse garantir o exercicio do voto e manifestar os sentimentos da nação.

Essa illusão esvaeceu-se, porque - qualquer que seja o systema, de um ou dous grãos, com censo elevado ou não, fica aniquilado todo o resultado desde que os cidadãos não puderem se aproximar das urnas!

Ninguém mais se engana: estão afinal todos convencidos de que chegou o momento de lutar pela patria.

Enquanto restou uma esperança, resignámo-nos os proscriptos á confiar no tempo e no critério do governo; o governo porém é o mais perigoso inimigo da nação, e é chegado o tempo de voltar contra elle todas as armas.

Quando em 1869 o partido conservador assumio as redeas da governança publica, os liberaes atirarão aos quatro ventos da publicidade o seu manifesto, que terminavão bradando pela **REFORMA OU REVOLUÇÃO.**

Pois bem; hoje só nos resta como taboa de salvação o ultimo membro desse terrivel dilemma!

Comprehendão esta dolorosa verdade todos os homens de bem, que ha muito retirarão se da vida publica, como de um esterquilinio; todos aquelles que ainda conservão algum amor á esta patria desventurada, e finalmente essa immensa legião de proscriptos - á quem se roubão todos os direitos e que não passão de estrangeiros na propria patria!

É necessário que se unão e assumão a responsabilidade, que nenhum cidadão pode regeitar, de restabelecer o dominio da lei, da moralidade e decoro publico, e erguer este paiz da ingloria posição, em que se acha, de abrigo de salteadores e facinoras!

Não procuramos esta desgraçada contingencia; farão os nossos adversarios que nos redusirão a penosa situação de aconselhar o emprego da arma, a que os povos tem o mais incontestavel direito quando se vêm nesta desesperadora extremidade.

Porque terá o governo o direito de nos mandar assassinar e não se nos concederá o direito de defesa, cujo sentimento a natureza gravou no instituto de todos os animaes?

Só os cegos não vêm que são chegados os tempos em que os povos procurarão libertar-se de seus tyrannos e vingar uma escravidão immemorial.

Ha pouco os jornaes communicarão-nos as tentativas de Hoedel e Nobiling contra o poderoso imperador da Allemanha.

Os aulicos assoalhão que são elles dous loucos, porque não querem crer que a cabeça de um rei possa cahir; mas incontestavelmente são esses dous individuos, que não chamaremos heróis para não irritarmos a susceptibilidade dos cortesãos de nossa terra, vividas manifestações do sentimento nacional e terriveis exhibições da implacavel justiça popular!

As nações jogão neste momento com os reis uma partida, em que estes não levam - a melhor; é tempo ainda de reconsiderarem o jogo e mudarem as cartas!

Quando o poderoso imperador da Allemanha, - que dá leis á Europa, que possui ministros como Bismark e generaes como molke, que apoia sua politica sobre o primeiro exercito do mundo, não tem a vida garantida e vê-se exposto a perecer ás mãos de um povo, que elle aliás acaba de cercar de todos os prestigios da gloria, o que esperão esses reis, quasi irrisorios, de alguns estado de nosso conhecimento, cuja politica

consiste em tudo corromper, e contrariar a vontade da nação, esmagal-a, para que sobre suas ruínas erga-se unicamente o vulto de um throno odiado?

Prosequi, arrochai bem os laços que prendem os pulsos na nação; e mesmo da nossa extrema miseria que um dia surgirá a força de que ha de esmagar-vos!

Os reis paixão e os povos ficção; e a providencia não os desampara por que deu-lhes um grande destino á realizar sobre a terra!

Colombo - Campanha, 7/9/1878, p.1.



Viva o Imperador!

No municipio da Campanha dá-se um phenomeno curiosissimo, cuja explicação só poderá ser encontrada na profunda corrupção que tem sido a melhor arma de combate do Sr. D. Pedro II, no arrojado tentamen de confiscar, como tem confiscado, em proveito exclusivamente seu todas as liberdades publicas. Habilmente manipulada nos cadinhos da monarchia, donde á flux foi administrada á todos quantos nesta malfadada terra forão julgados capazes de fazer sombra ou encurtar o vôo ao poder absoluto, delles e por elles passou ao resto da nação, em cujas camadas infiltrou-se á pouco e pouco, alimentando-a dessa seiva deleterea que a prostou desanimada, gasta, indefeza, impotente, nem sabendo e nem querendo mais reagir, no Sucedaneo do throno imperial onde senta-se omnipotente e triumphante o capcioso despotismo.

Nas veas desta geração abastardada, corre hoje sangue apodrecido e envenenado.

A energia mudada na indolencia; a coragem civica no servilismo o mais abjecto; o entusiasmo de tempos idos na mais criminosa indiferença pela causa publica; o patriotismo na voráz sêde de riquezas e de titulos e de honras com que todos, á porfia, accodem á sentar-se na mesa desse banquete de cannibães, onde a monarchia serve-lhes o proprio corpo e o proprio sangue da patria; e, para cobrir todas estas miserias sociaes, a repugnante hypocrisia, a estudada dissimulação de que tomaram exemplo nas alturas do poder, e com que mentem á consciencia e ao grito intimo da razão e do coração que lhes manda lembrarem-se de que são homens, de que são cidadãos, de que são brasileiros, de que são livres, de que são os soberanos - elles, os corrompidos, e de que é o vassallo - elle, o corruptor mór, a decadencia, emfim, de todos os principios e de todos os caracteres, - eis o miserando espectáculo, eis o effeito derradeiro, eis o resultado tristissimo desse pernicioso systema que, vai para 38 annos, tem procurado nutrir de podridão uma nação fadada á gigantescos destinos; - nação que aspirava por todos os póros a vivificante atmospherá da liberdade, da esperanza, da fé em um proximo e glorioso futuro; - que, joven, rica, intelligente, podendo e querendo conquistá-lo, devia de estar hoje hobreando com sua pujante irmã do nor

te, si lhe não tivessem sido suffocadas todas as energias e aspirações no fatal amplexo desta realesa á Jorge III. E é por isso que, aqui como talvez em toda parte, expõe - se á nossa admirada contemplação o curioso phenomeno de haver um partido liberal sem liberaes, o nome sem a cousa significada por elle: - estupendo absurdo que bem se coaduna com esse outro ainda muito mais clamoroso do consorcio entre a monarchia e a democracia, entre a autoridade e a liberdade, entre o privilegio e a igualdade: - como si de um pouco de verdade e de um pouco de mentira fosse possível combinar-se uma verdade maior; - como si de uma parte de verdade e de duas partes de vicio fosse possível fabricar-se uma virtude melhor!

Inda não tivemos a fortuna de encontrar nesta terra um liberal que, á puridade e muito na intimidade, não se nos affirmasse republicano, e até muito mais republicano do que nós que estamos todos os dias á dar arrhas de nosso devotado amor á santa causa da federação brasileira.

Mas enfim... precisão dizer-se liberaes, porque...

Um quer uma commenda, outro um título; este um emprego, aquelle um privilegio; est'outro um lugar na magistratura ou na policia, aquell' outro um lugar na representação nacional, todos enfim um pouco do mando, uma nesga do poder, um farrapo das honrarias com que o rei sabe premiar a devoção a sua pessoa que passa muito antes da obrigação que tem todo cidadão de servir á patria idolatrada; todos, a riqueza sem o trabalho, as honras sem os encargos, o direito e os meios de arrançarem os parentes e affilhados, que de pequenos se accostumaram á olhar para a mesa do orçamento como para um céu aberto donde chove o maná; - almas negras e estereis, de sertos de areia e fogo onde se queimou até a raiz a immaculada flor da crença, da dignidade, da honra e do patriotismo.

E dizem-no, e confissão-n'o, descuidosos e lampeiros, - tão serenamente como se referissem um acto de incontestavel probidade, façanhas de inconcussa consciencia!

Não sabemos, não podemos perscrutar o futuro, que está nas mãos da Providencia.

Colombo - Campanha, 16/3/1878 p.01.



Meditemos.

Após a abolição da escravidão, por todos almejada sem distincção de matiz político, apparece a propaganda republicana. Não censuramos a ninguem pelo seu modo de pensar quanto á forma de governo, pela qual deva reger-se o imperio; o que pensamos é que, por em quanto, não ha necessidade para desmoronar-se as sabias instituições, que, ha seßenta e seis annos, regem o povo brasileiro.

O grande imperio, para tornar-se uma das maiores nações do mundo, não precisa de mudar de forma de governo. O adiantamento, ou antes o engrandecimento de um paiz, não se opera de um para outro anno. Não se assustem os patriotas, que temem pelo Brasil; com as nossas instituições elle ha-de chegar a grandeza, que symbolisa o auri-verde pendão, que hoje garboso se desfralda ás auras da liberdade.

A aurea lei de 13 de Maio tão applaudida em todo o imperio, e em todas as nações cultas, gerou mais alguns republicanos, por terem soffrido prejuizo com a liberdade dos escravos; estes são republicanos - descontentes, dos quaes muitos ainda hontem reclamavam a abolição da escravidão.

Essa agitação, que se nota em diversos pontos do paiz, não é devida a lei de 13 de Maio, como muitos pensão.

É de notar-se que no logares, onde era diminuto o numero dos escravos, não se falla em propaganda republicana.

"A principal causa dessa agitação, disse o Sr. Saraiva, (Sessão de 16 de Julho,) provém da aniquilação dos partidos, devida a sua má orientação, ao encarnicamento com que alternadamente se perseguem um ao outro, ás violencias, que constantemente estão praticando de parte a parte."

Não foi, pois, a lei de 13 de Maio, que fez apparecer com mais pujança a propaganda republicana; a semente, (como diz-se) já existia no solo regado com o sangue de Tiradentes, de todos os conjurados o mais infeliz, porque pagou com a vida o seu enthusiasmo pela liberdade do paiz.

N'aquelle tempo a revolução tinha razão de ser, porque era de necessidade sacudir-se o jugo da metropole, que do Brasil só queria ouro, e mais ouro, e bem pouco se importava com o seu provir.

Não foi a lei de 13 de Maio que fez apparecer essa propaganda-republicana que sobressalta a muita gente, excepto o illustre presidente do Conselho que, como experimentado piloto, tem visto no horizonte muitos pontos negros, que não oppuzerão o menor embaraço a não do estado que tem navegado sempre ao sopro de benançosos ventos.

A aurea lei o que fez foi sancionar o que reclamava todo o paiz representado pela imprensa, por liberaes, conservadores, republicanos, e por ambas as casas do parlamento; esta lei foi, pois, a genuina expressão da vontade publica, si não fosse decretada, a abolição da escravidão por si mesma em pouco se extinguiria.

O fructo amadurecido, quando não é colhido, por si mesmo da arvore se desprende.

Os escravos pela sua insubordinação, e continuas evasões, muitos a isto aconselhados pelos chefes da propaganda sem que nem a policia, nem a autoridade dos senhores, podesem contellos, conquistariam sem duvida a sua liberdade.

Agora... quando não se ouvem mais nem os hymnos festivaes, nem o estourar das foguetarias, agora que murcharam as flôres esparsas sobre o glorioso gabinete 10 de Março, e sobre a Inclucta Princeza Regente, agora accusão-nos, como os unicos responsáveis pelo desastre do paiz, declarando-se muitos republicanos, porque não foram indemnizados dos valores de seus escravos!

Com esses co-religionarios não devem contar os genuinos republicanos, cuja bandeira já sustentavão independentes de lucro, ou prejuizo.

A excelsa Regente, que hontem merecia o pomposo título de Redemptora dos captivos, é hoje censurada, como a principal motora do desastre, que pintão com tão negras côres!

Quem decretou a aurea lei, repetimos, forão a camara e o senado immediatos representantes do paiz, que a reclamava com toda a instancia.

No seu laconismo a lei não envolve a prohibição de indemnisar aos ex-possuidores de escravos; este prejuizo, ou mais cedo ou mais tarde, ha-de ser resarcido, porque é justo, porque o nosso pacto fundamental nos garante o direito de propriedade, e os escravos erão considerados uma propriedade sui juris, em hora, como disse Stuart Mill, proveniente do abuso.

A indemnisação é uma consequencia necessaria da grande lei, é uma medida economica, que pode ser realisada por qualquer dos partidos politicos do paiz.

Com o Sr. Leão Velloso diremos que "O Estado não tem o direito de arruinar um cidadão para fazer o bem, quanto mais á uma classe, ainda sendo o bem tão grande, como foi a abolição da escravidão;" é por isso que temos fé serão todos indemnizados.

Os que soffreram prejuizo (parece-nos) são os unicos que se queixão contra a lei.

O povo brasileiro em geral nada tem soffrido com a sua decretação, a lei foi decretada, ha quase trez mezes, e entretanto tudo vae marchando para melhor, segundo se deprehende de diversos jornaes, que tem-se occupado da questão.

Si de uma parte ha queixas quanto ao estado da lavoura, porque os ex-escravos abandonaram as fazendas, etc, de outro lado dizem maravilhas do serviço feito por braços livres.

Não temos, pois, motivos para hoje censurarmos os que hontem pediamos com tanta instancia.

Uma mudança radical, como a de que se tracta, não se opera sem algum abato, não se purifica a atmosphera sem trovões e outros phenomenos da natureza.

Meditemos por um pouco neste ponto, e veremos como são incoherentes os que hontem applaudiram a lei, que abolio a escravidão.

É verdade que esta grande reforma ainda não está completa ainda é preciso aperfeiçoar-se com a substituição do trabalho escravo pelo livre etc.

Os lavradores, que tratem de suas lavouras, chamando para os seus estabelecimentos não só os libertos, como outros colonos, por meio de contractos vantajosos para a ambas as partes, e tudo chairá nos trilhos, e, como por encanto, se transformará.

Nada de desanimo! é uma fraqueza o desanimar-se em face do infortunio; tenhamos fé no governo do paiz, que tem em suas mãos os meios de suspender esse desmoroamento, pesadelo terrivel, que perturba o somno dos pessimistas, que julgão ver o paiz um montão de ruinas, e a republica surgir triumphante desses destroços, depois de uma revolução em todo o imperio.

A historia nos diz que as revoluções, as mais das vezes, trazem a desgraça de muitos para a utilidade de poucos, ou de alguns dilectos filhos da fortuna.

Si vale a comparação de pequenas com grandes cousas, qual foi a utilidade da revolução desta provincia em 1842? a miseria, e a desgraça de muitas familias, e o atrazo de todas as villas, e arraiaes, por onde passou o flagello da revolução.

Um paiz que, a sombra da paz, tem prosperado tanto, precisa de revolução quanto tudo se pode remediar com os meios, que,

a razão, e o patriotismo nos suggerem?
As revoluções tornão-se necessarias quando não ha outros meios de libertar-se uma nação, quando opprimida pelo despotismo, mas o Brasil, onde impera o mais sabio, e o mais liberal dos monarchas, que tem sabido manter a paz, e promover o engrandecimento do paiz, o Brasil, onde gozamos de tanta liberdade, onde ha tanto civismo, e tanto patriotismo, precisa de revolução para chegar ao gradioso futuro que nós todos lhe desejamos?

Não e essa a indole do povo brasileiro, que ama a paz, e na guerra sabe ser heroe, como mostrou no Paraguay.

Não nos lembremos, pois, de revolução, quando não n'a exige a felicidade do paiz.

O que devemos fazer é trabalharmos para o seu engrandecimento, esquecendo os odios e rancores politicos, que muito tem servido para o atrazo do paiz.

Trabalhem, e continuamos a applaudir a aurea lei, que tornou-nos a patria completamente livre.

Trabalhem e (por Deus!) não sejamos incoherentes censurando hoje, o que hontem applaudiamos com foguetaria, hymnos festivos, discursos, musica e flôres.

Trabalhem todos para deixarmos para os nossos vindouros uma patria verdadeiramente feliz, que, recordando o nosso acrisolado patriotismo, incite-os a imitar-nos, e não olvidem jámais, que são brasileiros, e que devem amar esta amada terra que nos vio nascer.

Sete de Setembro, Diamantina, 11/8/1888. pg 01.



Elemento Servil

Chegamos ao fim da jornada.

Não há mais escravizados negros no Brazil.

Depois de longa e porfiada lucta; de tenaz resistencia dos negreiros, a victoria coroou os esforços titanicos dos amigos da liberdade, da equaldade e da fraternidade social.

Os festejos e os hymnos da victoria são repetidos em todos os angulos deste vasto paiz.

A idéa vencedora se impôz ao governo timido e vacillante.

A Nação pela primeira vez pezou na balança do governo.

A camara dos deputados, eleita quasi unanime de conservadores e sob a idéa de mater o direito de propriedade sobre os escravizados, curvou-se deante da Nação que altiva exigiu a abolição da escravidão.

O governo composto de homens proeminentes e chefes dos escravocratas, viu-se obrigado a assignar a lei da libertação.

O partido conservador enfim, que tem por dogma a soberania do poder, do privilegio e do senhorio; do predomínio de uma familia de uma raça sobre outras, resignado submetteu-se á lei mais democratica que a historia patria tem registrado em seus annos.

Vencidos ou convecidos, agarram-se á essa taboa de salvação para manterem-se nas posições e firmar um throno vacillante e preste a cair por terra. (...)

Não retaliamos, salientamos a contradição ou a tactica da monarchia caduca e moribunda para se manter na posse do poder que escapa.

Os doutores da monarchia erraram o alvo.

Para restaurar as forças perdidas e evitar ao enfermo moribundo o desenlace fatal, o medicamento não foi o mais acertado.

Mas aturdidos pela voz pujante da Nação que se impunha, e temendo divorciar a monarchia abertamente da causa popular, abraçaram o paliativo mais á mão e fizeram-se apologistas da liberdade dos escravizados.

Não ha que duvidar, esse passo desesperado demonstra o estado agudo da crise em nosso paiz.

A democracia conquistou todos os espiritos, e á libertação dos negros seguir-se-ha fatalmente a libertação dos brancos.

As datas se aproximam.

A independencia do Brazil não esta ainda feita.

Ypiranga é hoje uma mentira historica.

Pedro 1º o perjuro, man-communado com o velho D. João VI, pusilanime, accordaram aquella comedia afim de segurar na familia a posse, uso e desfructe deste rico paiz, prestes a se emancipar.

A comedia do Ypiranga já estava prevista pelo matreiro rei quando retirando-se para Portugal disse a seu filho que puzesse na cabeça a coroa antes que outro o fizesse.

A idéa de emancipação regada com o sangue de Tiradentes e outros martyres da liberdade, em 1822 era a aspiração de todo o brasileiro e a republica seria então proclamada se não fosse a adhesão do principe e o predomínio da facção aulica.

O embuste de um aventureiro e a condescendencia ou indicição dos patriotas fundaram aqui no paiz da liberdade, a monarchia ou o governo absoluto.

Mas á idéa repremida não morreu, foi germinando e de tempos a esta parte avassalou o espirito da Nação, operou-se a evolução e a democracia hoje campêa triumphante.

Não ha negar. A Nação exige a sua independencia politica pela republica federativa como impoz a libertação immediata dos escravizados.

Essas duas redempções deviam ter a mesma data, se em nosso paiz a vontade da Nação tivesse mais força e não se eclipsasse no choque dos interesses pessoases.

O primeiro passo está dado e a onda da democracia em breve agarrará a monarchia já moribunda.

Com a morte do velho imperador a face dos negocios publicos mudará de certo:

E' um factor importante na crise actual.

O advento da republica, com o da abolição da escravidão, é tambem a pedra enorme que vem rolando da montanha.

Não ha força herculca que a detenha na queda.

Cumpra hoje aos democratras sinceros aproveitarem o primeiro ensejo para banir de vez a monarchia, que como a escravidão, tem degradado este povo nascido para grandes empresas.

Cumpra aos patriotas, custe o que custar, impedir que se inaugure o 3º reinado, que surge já no horizonte da patria envolvido em negras nuvens.

O povo não precisa mais de tutor.

Pedro II. morto, deve ser amortalhado com a monarchia e sepultados juntos.

Seja o nosso lemma a extincção immediata da monarchia.

Risquemos das nossas leis a lista civil onerosa e deshonrosa para um povo que se diz livre.

O terceiro reinado se se inaugurar será uma calamidade para o paiz?

As intrigas palacianas já por ahi surgem com a pretensão do filho de Duque de Saxe a successor de seu avô.

A guerra de successão não será uma surpresa se se declarar.

Essa calamidade que tem ferido aos povos europeus, o nos ameaça, é uma triste pagina para a historia de uma nação americana.

O Brazil pelo seu governo e pela sua decadencia tem sido antes um paiz do velho continente do que um paiz rico e livre da America.

Regeneremos a nossa patria.

Congreguem os patriotas seus esforços e impeçam a inauguração do 3º reinado.

Ergame-nos e ruamos por terra com esse legado que envergonha.

Fora com a monarchia e proclamenos a republica federativa.

Sacudamos o jugo que uma princeza casada com um principe estrangeiro pretende nos impor.

Correio do Machado - Machado - 20/5/1888. pg. 01



A abolição do escravo

S.M. o Imperador, após os festejos, em comemoração ao seu sexagesimo janeiro, realizados pela Camara Municipal da Corte a 2 do corrente, com a libertação de 133 captivos, dignou-se de proferir as seguintes palavras:

" Estimaria bastante que as Camaras Municipaes das provincias imitassem o exemplo da Camara Municipal da Corte".

" Confio em Deos que não morrerei sem ver liberto o ultimo escravo no Brazil".

Como humildes defensores da causa do abolicionismo, temos o dever de registrar estas palavras.

Enquanto o governo empastella o Povo, o Rei concitalhe o patriotismo.

O patriotico gabinete Dantas, que soube erguer bem alto a bandeira da abolição, foi sacrificado ás mesquinhas aspirações de seus adversarios politicos com detrimento da moral do nosso paiz.

Fallarão mais alto ás ambições dos homens politicos, com o sacrificio do pundonor nacional!

Vingou a trama e com ella o parto monstruoso - Cotegipe & Saraiva, sob o nº 3270, cognominado Lei 2ª de 28 de Setembro de 1885: (Placa)

Irrisão!

Está sagrada com a palavra do Rei a aspiração dos abolicionis

tas.

Não é ainda tempo de descansar; Laboremos.

O Diabinho, Ouro Preto, 12/12/1885 - pg. 01



A libertação dos escravos.

"Se nunca fomos indifferentes ás questões que se têm suscitado entre nós, muito menos fomos e somos á do elemento servil ou da libertação dos escravos; apenas considerámos por algum tempo esta importante questão por um outro prisma diverso do que muitos outros o consideravam, e não regateando qualquer esforço em benefício d'esta patriotica, sympathica e justa causa - a da libertação dos escravos - não seremos mudos agora, quando pretende levar uma outra direcção.

Temos chegado a um ponto sobre a libertação dos escravos, que não é licito mais a ninguém guardar silencio, sob pena de ser um inimigo da patria; e nós sempre inspirados nos ensinamentos da Igreja, nos sentimentos expressados por sabios preladados, e ainda animados pelo verdadeiro patriotismo não deixaremos vazio o logar que nos compete nesta luta a favor d'esses milhares de infelizes, que tendo a desgraça de serem arrancados de seus lares, são hoje, ao nosso Brazil, por leis iniquas, injustas, e por torpe especulação, e ainda por vergonhosas fraudes na execução das duas leis de 28 de Setembro, reduzidos ao captiveiro, embrutecidos pela degradação das senzalas e considerados cousas, "méros instrumentos de produção em prol dos Senhores (!?)

E porque principio esses homens, privados de seus direitos, roubados á familia, sepultados na ignorancia, dominados dos vicios, que ja tem trabalhado bastante para pagarem muitas vezes seu valor (não admittimos esta theoria, fazemos somente allusão ao modo de dizer dos escravagistas), permanecem privados a liberdade, sepultados na mais torpe escravidão do espirito e do corpo?

É tempo de riscar ou fazer desaparecer o mais breve possivel esta mancha vergonhosa da nossa patria.

A idéa de escravo repugna ao ensino do Evangelho, a moral á civilização do nosso seculo, e a sua existencia, constituindo um obstaculo invencivel ao nosso progresso physico e moral, é uma exigencia social e patriotica o desaparecimento d'esse crime hediondo de nossa vida social.

A Igreja nunca consentiu na escravidão; muitos santos se sacrificaram pela liberdade dos escravos; diversos bispos no Brazil levantaram sua voz em benefício d'essas victimas, lembrando occasião oportuna de commemorar-se dignamente o jubileu sacerdotal do Santo Padre pela libertação dos escravos.

Não podemos deixar de seguir a Igreja e de admirar os sábios prelados que tão galhardamente hasteam o labaro da liberdade, para recordação immorredora do mais admiravel successo do seculo XIX, talvez o unico da historia - o do jubileu sacerdotal de um papa.

Pelo mesmo motivo appellamos por nossa vez para os sentimentos nobres, patrioticos e tambem religiosos do clero brasileiro e dos catholicos; não se recuse nenhum a essa cruzada santa - a libertação dos escravos.

Se o clero brasileiro tem seu nome ligado a todos os factos da nossa historia, o escreva em letras de ouro nesta conquista do catholicismo e da civilização.

Os catholicos, que se honram de o ser e acompanham o mundo no santo regosijo pelo jubileu de Leão XIII, não regateiem um pequeno obolo em prol d'esses infelizes.

Os religiosos, que ainda possam ter escravos, sob a inspiração de seus patriarchas, que nunca tiveram escravos e se sacrificaram pela liberdade dos escravizados, abram mão d'esses pobres homens que por leis iniquas continuam na escravidão.

Levantem-se todos e praticamente proclamem a liberdade que Nosso Senhor Jesus Christo nos ensinou, deu exemplo e nos outorgou morrendo por todos na cruz."

Liberal do Norte - Diamantina, 18/9/1887. p.01.



Dis-se-á que o Brazil é mais feliz, que custa a cada um de nós muito menos; mas no Brazil a moeda em circulação no commercio representa 17\$000 por habitante, ao passo que na Australia e Nova Zelandia 86\$000. O valor de nossa exportação é de 16\$000 por habitante, na Australia é de 244\$000, e Nova Zelandia 154\$000.

Pode-se ainda vir com a historia de terem essas colonias sido feitas por inglezes e enriquecidas com capitães da Inglaterra; mas ninguem dirá que possuem melhores terras e melhor clima do que os nossos.

A Australia só na Nova-Galles tinha, (em 1885) 165 Bancos, e a Nova Zelandia mais de 30!

Contra o argumento de raça podemos apontar a Republica Argentina, onde o governo central cobra só de impostos 80\$000 contos, tocando a cada contribuinte contribuir com 26\$666.

Mas enquanto o Brazil exporta valores na relação de 16\$000 por habitante, só a provincia de Buenos Ayres exporta-os na relação de 49\$000.

N'este ponto somos o paiz inferior do mundo civilizado; pois que o proprio Haiti, africano, o proprio Perú, anarchista, aquelle exporta na razão de 18\$000, e este na de 22\$000!&

E' de ver que não podemos no ligeiro esboço de um artigo extrahir agora a comparação particular de Minas; mas sendo das provincias uma das mais prosperas não estará longe de lhe

Servir em detalhe o calculo feito para todo o imperio. Attribuem-nos este logar infimo na lista dos paizes do mundo mo devido á escravidão.

Mas o que é certo é, que a riqueza publica progride na proporção que diminuem os braços servis, e S. Paulo em três annos, que colonisa-se, já recolheu mais de mil contos em proveito da receita.

Não podemos, pois, adiar a solução d'este problema.

Com o clima que temos, com as terras admiraveis, que possuímos, com a moralidade que felizmente ainda reina em nossa população, basta qualquer novo incentivo, basta o exemplo com a disciplina do trabalho livre, estamos certos, a prosperidade não tardará.

União - Ouro Preto, 01/6/1887. p.01



Aos novos concidadãos

A obra do abolicionismo esta concluida.

Nós empenhamos todos os nossos esforços em uma conquista que é nossa, que é vossa, que é da humanidade.

Na aquisição da liberdade tanto lucra aquelle que trabalha - para que ella seja restituída a outrem, como aquelle a quem ella é restituída. A escravidão de nossa patria não pesava somente sobre aquelles que soffrião o azorrague da deshumanidade de alguns senhores, mas sobre todos aquelles que se sentião envergonhados da pecha que mais de uma vez foi atirada ao rosto brasileiro, no convívio da civilização.

A nobreza do trabalho livre era desconhecida entre nós, que temíamos ser eguallados a aquelles que forçadamente executava a tarefa imposta pelo feitor. Todos queríamos viver suor de nossos irmãos, que suppunhamos collocados em esphera inferior somente porque a sua cor negra os tinha feito escolher para o trabalho forçado.

Hoje somos todos irmãos diante da lei, assim como já o eramos perante o direito.

Novos horisontes se abriram para o Brazil desde a data da lei aurea, que é a base do nosso edificio social, em cuja reconstituição devemos todos nos empenhar.

A sociedade brasileira estava collocada em alicerces illusorios, pois que faltava a força principal, faltava-lhe a equaldade dos cidadãos.

Agora resta que os novos cidadãos mostrem que são dignos do acto pelo qual acabão de entrar na communhão social. Não lhes faltarão, certamente, falsos conselheiros que lhes queirão guiar os primeiros passos para mostrar o erro dos abolicionistas, erro que só existe nos cerebros doentios, que não comprehendem a grande obra que acaba de realizar o partido no poder.

Aos novos concidadãos nós pedimos que não se deixem levar por illusões. Devem escolher no proprio meio em que vivem as con-

dições de sua nova existencia. Devem procurar o trabalho , pois que só nelle encontrarão elementos para formar o bem estar de seus filhos. A familia deve-lhes merecer todo respeito, porque é ella a peanha sagrada de nossa patria. E' no doce seio da mulher que os novos cidadãos devem ir procurar o lenitivo de suas passadas angustias. E' na educação dos filhos, levando-os aos bancos das escolas, que devem procurar empregar o tempo que lhes resta para a vida.

A raça negra tem sentimentos bastante elevados para comprehender que o Brazil muito espera de seu concurso. E' pela sua assimilação com os elementos estrangeiros que buscão as nossas plagas que formaremos o brasileiro agricultor, o brasileiro industrial e commerciante.

Há na classe dos ex-escravizados uma parte que não foi explorada, é a parte affectiva. Felizmente para a patria brasileira o novo contingente de cidadãos traz em seu coração alguma coisa que os senhores não poderam explorar, e que agora entra como um grande capital na constituição da familia.

E' com o coração a transbordar, que saudamos d'essas columnas os novos concidadãos, dizendo-lhes: - Trabalhem na reconstrução de nossa patria, pois que ella é grande de mais para viver desconhecida no meio da America. Que seja a nossa divisa, aquella que mais revoluções tem produzido - O TRABALHO.

Propaganda - Diamantina, 7/4/1886. p.01.



República e lavoura.

Retiramos do prélo o nosso editorial para transcrevermos em logar os artigos, que o Diario de Noticias publicou sobre os republicanos de 13 de Maio, que almeção a mudança da fórma de governo, como contraria ao progresso e ao engrandecimentos do paiz.

Pelo judicioso artigos, que transcrevemos, verá o leitor que, por em quanto, uma republica no Brasil não passa de um sonho, ou de um vão desejo dos descontentes, e que uma monarchia tão philosophica, como a do Brasil, pôde fazel-o tornar-se ainda uma das maiores nações do mundo.

Desejando informar conscientemente nossos leitores dos effeitos da lei de 13 de Maio no interior, procuramos elucidaciones nos negociantes independentes, nos viajantes do commercio, nas pessoas mais illustradas da provincia, e nas gazetas locais que geralmente nos honram com a troca. O depoimento desses testemunhos insuspeitos é o mais formidavel desmentido do que to os dias asseveram os ineditoriaes das folhas da cõrte, ultimo reducto a que se acolheu o escravagismo dos especuladores, de cujas mãos, fugia a aquelle passaro velho tão festejado: o lavrador escravo da imprevidencia.

Ha alguma indisciplina em pequenos grupos de libertados, as autoridades não exercem a fiscalização devida contra a vagabundagem; fez-se mister uma boa policia rural e a observancia

rigorosa do codigo; mas entre 200.000 trabalhadores ruraes da provincia do Rio, apenas um decimo está nesse caso, e isso mesmo com certas gradações e nuanças sujeitas ás leis da necessidade, que mais se devem attribuir ás negligencias e timidez da administração local do que á falta de flexibilidade dos libertados.

O commercio de generos do interior está augmentando de maneira sorprendente. As remessas da corte avolumam-se de dia para dia; reciprocamente multiplicam-se as casas de negocio em atividade na roça. A importação, devida ao trabalho livre, dá de repente um augmento de renda de réis 700.000 \$ na alfandega da cõrte neste mez, comparado com o de junho de 1887.

A opinião geral é que, prestando-se o Banco do Brasil a ser o intermediário razoavel e patriótico dos adiantamentos á lavoura sobre as safras pendentes, não só a colheita do café não se diminuirá, como até este anno será excepcional em toda a região cafezeira, Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, com tambem se annuncia no Espirito Santo, Bahia e Ceará.

A quem se deve esta situação inesperada, este apaziguamento relativo dos animos, este salto subito da escravidão para o trabalho livre, facto que não se verificou nos Estados-Unidos e em Cuba, e ainda menos na Jamaica, em Demerara nas ilhas francezas, apesar de nestes paizes se ter procurado applicar uma indemnisação, que nada indemnizou, pois a ruina foi completa e geral?

Para os animos bem intencionados, para os pensadores, é ainda a monarchia, é ainda o prestigio do poder tradicional do imperio, que faz executar a lei e permite a transição dentro dos limites da ordem e de paz. E' ainda essa monarchia do Sr. D. Pedro II, monarchia philosophica e educadora, aberta a todas as opiniões, acceita pelos partidos em geral, á qual se accusam as transacções politicas, porque nunca foi violenta nem perseguidora, é á ella que se deve a transição pacifica porque passamos.

Appellamos para os proprios estadistas existentes do segundo reinado, para os Srs. Paulino de Souza, Jeronymo Teixeira Junior, Affonso Celso, Saraiva Cotegipe e outros não menos intelligentes e dignos, e lhes perguntaremos: acreditam que a republica proclamada antes da abolição permitiria que tudo ficasse em pé, como vemos e observamos?

Estamos acostumados desde as lutas academicas, desde a época da litteratura militante, a respeitar os republicanos de convicção, como Quintino Bocayuva, Assis Brasil, Rangel Pestana, Martins Junior, talentos transviados, mas intelligencias uteis e praticas, porque chamam os partidos monarchicos ao cumprimento do dever. Elles sabem que, sem educação popular, sem crenças, sem abnegação, inspirada por maior tirocinio do povo, a liberdade real não é possivel, e sempre os achamos, como agora, ao lado da monarchia quando ella faz o bem.

Será esta a republica de seus sonhos, esta a republica que se prepara na cõrte, ás sombras da noite, promovida por quem não apparece, quem é alheio á idéa de patriotismo, e presidida por quem renega o seu passado, republica de vingança, do odio, da oppressão de uma raça? E' essa republica das trevas, onde se assignam centenas de conto para atacar uma virtuosa e inoffensiva senhora que apenas teve a coragem de fazer os que os seus conselheiros lhe indicavam e toda a imprensa pedia, é essa republica, a republica da indemnisação e o arroxo escravagista a que desejam os puritanos da democracia?

Podem tolerar-a, podem rebelar-a como arma de destruição, mas no dia seguinte ao da luta ou elles serão victimados, ou será preciso conter a luta mortal dos negros contra os brancos, dos despotas locais contra a humanidade e as leis. Lavoura e Republica no Brazil, nas actuaes circumstancias, sem organização social, sem precedentes educacionistas, sem o prestigio da autoridade imperial, sabem o que significa? As revindictas pessoais, o assalto das fazendas e das familias, a destruição da propriedade, a perda de todos os valores industriaes, a caudilhagem como governo, a dictadura de um João Manoel de Rozas ou de um Cavaignac, antes de um anno. E a lavoura sensata, o commercio nacional e estrangeiro, os capitalistas retirados, os proprios lavradores, que soffrem vexames momentaneos, mas têm na ordem e paz o recurso de seus males, iriam jogar nessa cartada insensata a sorte sua, dos seus bens, do futuro da patria? Não: a experiencia de 1831 é de hontem. Não; ella não se repetirá. Acima do capricho momentaneo está o puizo prudencial dos estadistas e dos proprietários.

II

Quem imparcialmente acompanhar os actos dos excitadores republicanos da corte, que procuram envolver a lavoura em manifestações illegaes e desatinadas, - julgará que a monarchia entre nós está exercendo uma pressão illegal, despojando os proprietários, assassinando-os, mandando-os para as fortalezas e presídios, - pensará que entre nós estão repetindo os factos de que foram auctores em S. Domingos os chefes da republica Toussaint-Louverture e Dessalines, logo que alli em paiz de raças inimigas, se destruiu a autoridade monarchica. A não serem esses actos de despotismo, o que autorisa um ancião experiente e sagaz a presidir na corte uma reunião em que se insulta e calunia a augusta filha de D. Pedro II, em que se aconselha a violencia, a matança, a destruição dos telegraphos e estradas de ferro, a esfomeação da corte; e negociantes banqueiros, e commissarios assignam centenas de contos, para levar a effecto essas bellas obras e atacar pessoalmente a Augusta-Regente! Realmente, ou abusa-se até o desatino da liberdade a que a monarchia philosophica nos acostumou, ou deve o novo republicanism contar com elementos muito fortes para tirar vingança da monarchia ter completado a obra dos maiores patriotas de 1828 a 1831, que foi sempre a destruição da escravidão. Quaes serão as classes que acompanharão os despeitados e excitadores da corte contra o poder legal e protector que sustenta a ordem, as fortunas, o commercio do nosso paiz? Serão as classes governantes, o senado, que os republicanos odeiam e querem destruir primeiro do que tudo, serão os politicos do segundo reinado, aos quaes querem substituir os naufragos e impossiveis de todos os tempos? Será o commercio, que, ao dia seguinte da revolução, veria suspender as transações, cair a moeda á metade do seu valor, como em 1831, e como então seria assaltado e recebido pelas turbas desenfreadas e enlouquecidas? Será a verdadeira lavoura, essa que não faz politica, que se applica ao trabalho annuo a remunerar os jornaleiros e com o socego e paz espera em breve recuperar o valor da terra, que é a sua garantia? Serão os escravos e ingenuos de hontem, contra os quaes se promove a revolução, e que se ella vingasse, no dia seguinte estariam de novo sujeitos ao azorrague, ao trabalho forçados, ás penitenciarias? De certo que os excitadores da nova republica, não é nessas

classes que encontrarão apoio.

São apenas 1.000 ou 2.000 individuos, dirigidos por um grupo de especuladores da corte, que não têm a coragem das suas opiniões, e que lançam os tolos da roça na luta patente, enquanto elles ficam rindo-se no quartal da saude.

E é com 1.000 ou 2.000 despeitados, que se pretende fundar a republica da re-escravidão, da indemnisação forçada, da turbulencia e da luta de raças?

E' contra o povo das cidades, contra todos os negociantes e artistas nacionaes e estrangeiros, contra as classes operarias, que do novo regimen esperam vantagens e remunerações, é contra essas centenas de mil e contra os milhões de libertadores que 1.000 ou 2.000 illudidos ou turbulentos esperam obter victorias e realizar a destruição da sociedade actual?

Razão tem os puritanos da democracia para recusar-se a tomar parte nesse movimento prematuro; tumultuario, imprudente, que trará as maiores desgraças á nossa patria. A republica é a obra de todos, e não a imposição de alguns grupos á immensa maioria hostil da nação.

A verdade, na situação actual, é que, se alargar-se o direito do voto, se o escravismo perder o privilegio eleitoral, que imprudentemente se mantém, com toda a certeza não obterá o decimo da votação nacional. Na massa do povo livre, no exercito, na marinha, no commercio, na immigração radicada, não ha nome mais popular em todo o imperio do que o do Sr. D. Pedro II, e ao lado delle é adorada a Augusta Regente, unico penhor de paz, de garantia social, de futuro prospero de nosso paiz. Tentar uma revolução de 1.000 ou 2.000 pessoas, contra esses immensos elementos de força e de poder, seria apenas uma escaramuça de momento, em breve, reprimida, mas, infelizmente, seguida da superexcitação dos libertos, que, na revindicta, ninguém poderia conter.

Em 1831, a monarchia estava ausente, o poder nas mãos do povo, a divida ao estrangeiro era insignificante, e o elemento escravo muito menor, e, entretanto, porque desde 1832 a 1837, todos os estadistas e proprietarios conspiram contra a republica?

E' porque as classes ignorantes e ociosas lançaram-se contra o commercio e os lavradores; atacaram, destruíram as propriedades, afugentaram do paiz os capitães e a moeda, conflagraram as provincias, tornaram o poder um esparneo ou um systema de expedientes despoticos e violentos. Quando de 1837 a 1840 appareceu a idéa da restauração pessoal do poder monarchico, a nação se entusiasmou, e a coroação foi o acto mais popular de nossa historia.

Reflitam os homens de bem, os homens laboriosos e alheios á politicagem, e o movimento republicano se converterá em esforços communs para reconstituir o trabalho agricola.

Sete de Setembro, Diamantina 14/7/1888 p.02.



Está acabada a guerra? O marquez de Caxias disse que sim, mas o imperador diz que não. A opinião d'este é que prevalece, e portanto ainda temos de continuar a guerra, isto é, gastar muito dinheiro e derramar muito sangue; temos de contrahir novos empréstimos, supportar maiores impostos, ainda temos de ver continuarem paralisadas a industria e o commercio, e deixados de banda os melhoramentos materiaes, que reclama o paiz. Porque não se faz a paz? A nação diz que basta, que está cansada; o imperador diz que não, que elle não está cansado; que visitar fortalezas e arsenaes, mandar tropas e petrechos bellicos não cança.

Tem protestado que não fará tratado algum com Lopez, porque a guerra foi declarada á elle, só a elle e não ao povo do Paraguay. Miseravel sophysma que ouvimos desde o principio da guerra: o depositario do poder, qualquer que seja representa o paiz. Foi um meio estrategico de que lançava mão o marquez de Caxias para vencer sem guerrear, grangeando as graças do novo paraguay.

Quer o imperador a deposição de Lopez, dando-se uma outra forma de governo ao Paraguay, e tomou esse compromisso no tratado da triplice alliança, compromisso imprudente e só filho do fôfo orgulho imperial.

O Sr. D. Pedro II tem certos repentes impensados, de que depois se arrepende.

Quando fomos insultados pelo Sr. Christie protestou que abdicaria a coroa, se o governo inglez não desse-nos uma satisfação codnigna; ultimamente também declarou que abdicaria se Lopez não fosse vencido e expulso do Paraguay: Ahi está o Sr. Alencar, que o attesta nas suas cartas de "Erasmus" Mas a Inglaterra não deu-nos satisfação alguma e S. M. não abdicou; Lopez não ha de ser deposto, e - estejão tranquillos os imperialistas, - S.M. não abdicará ainda.

Que direito tem o Sr. D. Pedro II de reformar a constituição do Paraguay? Dizam: Lopes é um tyranno, vamos libertar o Paraguay.

Tyranno ou não, Lopez representa o governo legal do paiz. Nenhuma nação tem direito de intervir nos negocios internos de outra. Em face do direito das gentes Lopez não pode ser deposto senão pelos paraguayos.

Martens é escriptor e corteção classico das grandes potencias; suas doutrinas sobre o direito das gentes são geralmente seguidas. " Formando um estado, diz elle, é direito de uma nação adoptar uma constituição qualquer, monarchia, aristocratica ou democratica, e escolher entre as diversas variedades, de que são suceptiveis estas trez constituições, a que julgar mais conveniente, sem que nenhuma outra nação estrangeira esteja autorisada e declaral-a viciosa; a escolha de um chefe nas monarchias temporario ou vitalicio, assim como dos presidentes nas republicas, depende so da nação o não dos estrangeiros. Em fim não podem os estrangeiros impedir que uma nação mude a sua constituição, porque só ella tem o direito de

fazel-o."

Se o Sr. D. Pedro II é tão liberal que quer mudar a constituição do Paraguay, para libertal-o de um tyranno, porque não vai depor o Czar da Russia ou o imperador da China?

Tambem o nosso segundo reinado tem sido pessimo, tem sido um governo de esbanjamentos dos dinheiros publicos, de immoralidade e corrupção: não estamos contentes com o Sr. D. Pedro II. Mas nós os brasileiros nos reservamos o direito de despedir o actual imperador, como já fizemos com seu pai, o Sr. D. Pedro I, e não queremos e nem consentiremos que nação alguma estrangeira venha intervir em nossos negocios internos.

Não é preciso ser propheta para prever que as mais nações não consentirão que o Sr. D. Pedro II mude a forma de governo do Paraguay contra a vontade do paiz. Só quem não quizer deixará de ver que a missão extraordinária do general Mac-Mahon tem por fim principal impedir a intervenção indebita do governo do Brasil, nos negocios e d'aquella republica. Com a deposição forçada de Lpes, outro qualquer governo, que os ali[ha] dos esta belleção no paiz, não será reconhecido. Succederá como em Monte-Video: o governo norte-americano nunca reconheceu a presidencia de Flores firmada pelas bayonetas brasileiras.

O Sr. D. Pedro II diz, em seu fôfo orgulho que nunca tratará com Lopez, e quer continuar a guerra. E' que S. M. repolcado em seu throno, engolfado nos praseres da côrte, não é quem faz os sacrificios, quem soffre os encommodos.

Outra fôra sua linguagem se houvesse acompanhado os brasileiros nas hecatombes da guerra.

Pedimos a S. M. que tenha mais patriotismo; veja que abysma o paiz, sustentando um louco capricho.

O paiz está cansado; queremos a paz, uma paz honrosa.

Jequitinhonha, Diamantina, 14/3/1869 p.01



A ELEIÇÃO SENATORIAL E A FEDERAÇÃO

Tendo o directorio do partido liberal apresentado ao corpo eleitoral a chapa que deve ser suffragada na eleição senatorial, a 26 de Abril proximo, e que se compõe dos Srs. conselheiro Carlos Affonso de Assis Figueiredo, Dr. José Cesário de Faria Alvim e Dr. Fidelis de Andrade Botelho; o illustrado Dr. Cesario Alvim, externando a vontade do eleitorado, em circular, que já publicamos, mui opportunamente hastea a bandeira da federação.

O acto de civismo do digno candidato merece o apoio da provincia e, neste sentido, vão apparecendo adhesões de diversos collegios.

A attitudo lhana e altiva do distincto democrata, de accordo com o partido e com seus illustres companheiros de chapa, conforme á indole do mineiro, muito nos exalta e nobilita.

Acima das victorias politicas, collocamos o engrandecimento d'este torrão, que é nosso orgulho.

A mutação necessaria da nossa vida social, quando vão desapparecer as relações entre senhores e escravos; a necessidade inil

ludível de abrir-se a corrente da imigração, offerecendo-lhe outra patria; a marcha ascensional do progresso imposto pelos principios scientificos da evolução, consentanea ao desenvolvimento da humanidade, estão affirmando que é chegado o tempo de estabelecer-se nova forma para as novas necessidades.

O atrazo de nosso paiz, o seu moroso desenvolvimento, é devido, ninguem o contesta, á forte centralisação governamental, que, semelhante ás serpentes de Laocoon, se estende sobre todo o território e atrophia o progresso com seus immensos aneis.

E' verdade que d'essa luta titanica alguma cousa temos conseguido; mas, não é possivel mais, no interesse geral da sociedade, prolongar-se o combate; outras providencias ja lançarão o grito de alarma e São Paulo é considerado - um estado federado.

Diz Draper: "com a differença de climas devem coincidir differenças de hábitos e costumes, isto é, differenças nas formas de civilização.

" São factos estes que devem merecer a nossa mais seria attenção, desde que de taes differenças decorrem resultados politicos.

" Si a homogeneidade é um elemento de força, um paiz que se estende de oriente a poente deve ser mais poderoso do que aquelle que se estende de norte a sul.

" Foi esta uma das causas mais consideraveis da grandeza e permanencia de Roma e a que alliviou a tarefa dos imperadores, muitas vezes difficilima na direcção do governo.

"Ha uma tendencia natural para a homogeneidade na direcção do oriente para o poente, emquanto que de norte para o sul ha uma tendencia para a diversidade e antagonismo, e é por isso que o governo neste ultimo caso ha de sempre depender de um grau elevadissimo de comprehensão politica da parte dos estadistas."

O que observa o sabio publicista esta na consciencia de todos os brasileiros, e é no interesse de manter-se a homogeneidade do paiz que os espiritos alevantados pedem a federação das provincias.

Quem pode contestar entre nós a differença de hábitos e costumes entre o norte e o sul é até mesmo um pronunciado antagonismo e rivalidade?

A facilidade de estabelecer-se naturalmente a imigração no sul pela benignidade do clima, e a difficuldade em que esbarra o norte, independente de sua vontade?

No estado actual de nossa sociedade, quanto a abolição do elemento servil é um facto, basta esta consideração para impor de direito a federação.

As leis, decretadas pelo parlamento, em um paiz cujas necessidades e progresso varião tanto como o clima, falhão frequentemente na pratica: o que reclama o norte é muitas vezes inoportuno para o sul; as circumstancias do sul são quasi sempre antagonicas ás do norte.

D'ahi as difficuldades insuperaveis para o governo; d'ahi essa luta entre as aspirações das provincias e a direcção central, que não pode ter a comprehensão indispensavel para satisfazer as exigencias locais.

Os exemplos accumulão-se com todos os partidos, com todas as situações; os factos de hontem reproduzem-se hoje, com grave prejuizo do nosso desenvolvimento moral e material, com o atrophamento de nossa industria e commercio, com o entropimento da satisfação das necessidades que são peculiares e compatíveis com os nossos recursos.

A centralisação, fatal ao progresso, é um polypo que é preciso destruir-se com a federação.

Limitemos as attribuições do governo geral e estabeleçamos a vida provincial independente na sua legitima esphera de acção. Só d'esta forma as provincias poderão prosperar, cada uma nas forças dos proprios recursos, mantendo a autonomia de seus filhos e de suas instituições, não podendo depois queixar-se da direcção central, pois cada qual terá o desenvolvimento, o progresso de que fór digna.

Cuidem as provincias e o municipios, em plena liberdade, de seus negocios intimos, para que possa cimentar-se a união federal, espontanea e applaudida de todo o paiz.

Adherimos, pois, sem reservas, ao programma politico do illustre candidato, Dr. Cesario Alvim, e, com tanto mais boa vontade, porque ja temos tido occasião de propugnar em nosso jornal por essa idéa, que, estamos certos, é de todos os mineiros que são testemunhas dos obices que a actual organização politica tem levantado ao desenvolvimento de nossa provincia. Si o eleitorado prestar attenção a estas ideas, que são o sentimento unanime de todos, dará mais uma prova exuberante da orientação politica que é o apanagio de Minas e que tamanha consideração nos tem conquistado de todo o paiz.

A resistencia não impedirá a realisação; a abolição é um ensinamento para os espiritos timoratos; oppuzerão-se, mas a ella está completando-se.

Antecipemo-nos, pois, no conseguimento de tão aproveitavel reforma.

Liberal Mineiro, Ouro Preto, 3/3/1888 p.01.



Inepto e esteril por calculo tem-se revelado o governo imperial nos melhoramentos materiaes que as publicas necessidades reclamão.

E' que ao interesse monarchico é altamente inconveniente o progresso da provincia.

Instituição caduca, reminiscencia de eras preteritas, culto supersticioso do passado, emperramento contra as tendencias do seculo, a nossa monarchia continua para com as provincias o systema colonial portuguez.

Apenas deslocou-se a metropole de Lisboa para o Rio de Janeiro; eis toda a differença.

A'quella gloriosa retirada de D. João VI, acossado pelos granadeiros do Napoleão, verdadeiro heroismo bragantino, devemos esse melhoramento, unico até hoje.

Na verdade desde 1807 temos marchado na vereda estreita da centralisação, esse cancro fatal da monarchia. Por isso essa instituição não pode convir, como bem entenderão as duas Americas, ás nacionalidades novas e que precisão de caminhar no desenvolvimento das suas riquezas naturaes. Quando muito, como principio conservador, poderá ser tolerada nas velhas nações

possuidoras de tradições gloriosas e cujo sólo, explorado e preparado ás necessidades de seus habitantes só exige conservação e não melhoramentos. E' o caso de algumas nações da Europa.

Em um paiz novo, vasto, de interesses que varião segundo a diversidade das latitudes, como é o Brazil, é absurda a centralização, como seria absurda a somma de unidade complexas e de especies diferentes. O producto em taes casos é sempre uma monstruosidade.

E' entretanto esse o systema que nos rege. Illudido pelas leis posteriores e pelos sophisma eleitoral, o generoso pensamento do Acto Additional, sob a influencia do espirito do 2º reinado, desapareceu como os regatos embebidos nos areas do deserto ao sopro do Simoun.

E a provincia estorce-se, como Laocoonte da fabula, comprimida pelas serpentes do imperialismo, debate-se impotente e morre inanida para assegurar-se o predominio da Côrte. E' a essa apoplexia que os nossos politicos chamão unidade, centralização!

Enquanto nas republicas americanas as estradas de ferro se inicião, se prolongão, se multiplicão e se crusão, o Brazil fica somnolento e estacionario como a China ... Ah! esquecíamos que estamos civilizando o Paraguay...

Ainda ultimamente temos que as camaras da "provincia" de Buenos Ayres acabão de votar um credito de 20 milhões de pesos para a "continuação" da estrada de ferro do Oeste, que terminando em Bragra[d]o vae brevemente pôr em comunicação as republicas do Prata com as do Pacifico.

Entre nós que differença!

E nenhuma d'essas republicas pode competir com o Brazil nas riquezas naturaes do solo e na excellencia das nossas condições topographicas. Qual d'ellas possui arterias fluviaes como o nosso paiz! Do Amazonas possuímos os troncos e os nossos vizinhos os capillares; entretanto, em quanto a nossa companhia de navegação chegava timidamente até Manãos, o Perú, situado nas origens do grande rio, nos mandava vizitar por dois bellos vapores de guerra, o Morona e o Pastazza e infundia um terror panico nas provincias do Pará e Amazonas, ameaçando de varrer os nossos portos e obrigando os presidentes a apenar a guarda nacional!

A politica do 2º reinado mostra uma timidez ridicula em dar impulso ao desenvolvimento da viação, a primeira das necessidades do paiz. Ao passo que gasta centenas de milhares de contos na guerra estúpida do Paraguay, comprometendo o futuro do paiz, é de uma avareza inexplicavel nos gastos productivos em estradas e navegações, unico meio de desenvolver a riqueza publica. Taes despesas longe de ser um encargo para as gerações futuras serião o primeiro elemento de sua grandeza.

Mas parece que antes de tudo a monarchia vê n'essas cousas o primeiro passo para a emansipação das colonias - provincias e prefere a unidade ao progresso do Imperio. Cega não reconhece que este colosso ou ha de dividir-se ou constituir-se em federação de provincias, qualquer que seja o esforço em sentido contrario. É certo porém que em qualquer d'essas hypoteses o paiz lucrará e o prejuizo será para a monarchia asiatica da actualidade; a menos que ella se não modifique com as circunstancias. Para que se decretasse a construcção da estrada de Pedro II, foi necessário que a sua estação inicial fosse a capital do Imperio, e não deixão dos amigos d'essa empreza de lembrar no parlamento e na imprensa: que tal estrada é o laço de união do Imperio e quasi uma via estrategica, para vomitar nas provin -

cias ao primeiro grito de revolta e em poucos instantes, o Sñr. Caxias e os exercitos d'El Rey: que essa estrada é o escoadouro dos productos do centro para o Rio de Janeiro. Os que protegem essa empreza conhecem bem as vistas do governo do Imperador e por isso servem-se de argumentos d'essa especie.

Que o Rio de Janeiro seja sempre o intermediario forçado do commercio das provincias; que os productos da Bahia por exemplo venhão á Minas por via da côrte, eis o grandioso systema do netto de João VI. O nosso Xerxes castiga assim a insolencia do S. Francisco em dirigir-se para o Norte, quando a corte esta mais proxima da Serra da Canastra.

Pois bem a estrada de Pedro II, está destinada a emendar o erro da natureza.

O Jequitinhonha - Diamantina, 4/4/1869 p.01.



A Guerra

A propaganda republicana vai fazendo tranquilla e triumphalmente sua marcha victoriosa atravez desta misera nacionalidade que ella é chamada a galvanisar, rejuvenescendo-a.

Por toda parte penetra, e é por todos recebida como a suprema esperanza e a unica salvação possivel; e a espontaneidade, o aqodamento, a celeridade com que os corações se lhe abrem, não acha simile na historia.

Não há cinco annos ainda, nossos mais acérrimos adversários nos consolavam com a ironica esperanza de vermos realizado o nosso ideal em terras brasilicas lá pelo tempo das kalendas gregas; hoje, porém, nos concedem que a republica virá necessariamente em futuro para o qual assignam apenas o espaço de 20 a 30 annos.

Esperando que o vão reduzindo a pouco e pouco tanto quanto já agora o encurtaram, a só concessão de que fallamos indica quanto temos caminhado, e é thermometero infallivel por onde se pôde bem medir o grão de abatimento á que tem descido o fervor, a confiança, o culto pela monarchia do nosso tempo; e com os symptomas observados de absoluto desprezo, succedendo logo após á indignação, pelas fórmulas mentidas e já tanto exploradas do systema das ficções que nos rege, é motivo sufficiente para dolorosas cogitações e sinistras apprehensões no animo imperial. Por outro lado, a questão religiosa toma vulto e importancia que nada podia fazer presagiar ao rei, costumado á passiva e subserviente obediencia desta manada de carneiros que se chama o povo brasileiro, e ameaça suverter o throno e a monarchia. Transformada em momentos questão politica, sem outra solução que não seja o divorcio completo entre a Igreja e o Estado, solução que tanto repugna á um poder como á outro, bem que só tenha a ganhar na separação o poder espiritual, comprehende-se

que temerosa mina explosiva preparou alli contra si o governo imperial ao qual deve de affigurar-se a possivel soluçao funebre preparativo de breve suicidio.

Por cortejo lúgubre á tão grave situação, restam ainda as inumeras reformas liberaes pelas quaes almeja o povo, e entre ellas, e dominando-as todas, a reforma eleitoral que não comporta mais adiamentos, e que prenuncia dias e debates tempestuosos no parlamento, onde o governo não está seguro de achar apoio; visto que a eleição directa é aspiração geral, e ao imperador não convém sinão o systema á dois grãos - que lhe tem dado o absolutismo de facto que todos vemos.

Colombo - Campanha. 1 fevereiro de 1874.



A Igreja e o Estado

Abalou-se a face social do Brazil, pelo movimento da 15 de novembro passado, que, transformando radicalmente a nossa forma de governo, trocou a corda pelo barrete phrygio.

A consequência primordial deste estupendo successo foi banhar-se o Brazil no vasto oceano dos decretos para garantir a livre instituição nascente e de entre tantas reformas decretadas sente-se o aroma de uma essencia suavíssima qual o perfume exalado pelo calix do trevo de Judá é o decreto separando a igreja do Estado.

Esta reforma no sentido de demolir a base da moral social, veio, antes, solidificá-la, sellando uma nova era na historia do Christianismo, e do facto de dia para dia mais se grava no coração brasileiro a santa doutrina, pregoada pelo Salvador no alto da Golgotha, que para remir a grande familia humana quiz que só em si se effeituasse o sacrificio de uma hecatombe.

E como pagar-se uma tão cruciante quão delicada prova de amor, calcando-se aos pés a sua moral, combatida e vencedora dos sophismas da synagoga? - esta idéa é despertada pelo supposto depresso em que pretendem levar o christianismo.

" Basta de esquecimento " (é esta a fiel traducção do tal decreto) lembre-se que existe uma religião, capaz de dulcificar a vida no seio de tua idolatrada familia, e esta é a christã, porque prima pela santidade de sua moral.

Na verdade depois da publicação desse decreto, cada vez mais se tem augmentado a fé no catholicismo.

Este decreto, pois, é a mais sabia das resoluções governamentais, porque a sua verdadeira interpretação, separando a igreja do Estado, ou antes a lei christã da lei humana é levar o christianismo á sua verdadeira altura, (o que só se conseguiria pela separação); pois que o tempinho de Christo deve, por sua essencia isolar-se do theatro dos homens.

O Itacolomy - Ouro Preto - 10/10/1890 p.02.

II - A PROPAGANDA

